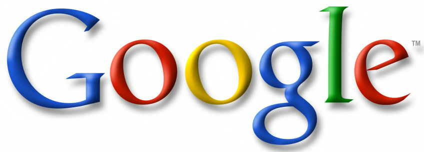





LELAND STANFORD JUNIOR UNIVERSITY
ORGANIZED 1891



JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS

VISCONDE DO RIO BRANCO

ELOGIO HISTORICO

JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS

VISCONDE DO RIO BRANCO

ELOGIO HISTORICO

JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS

VISCONDE DO RIO BRANCO

ELOGIO HISTORICO

PROFERIDO NA AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

EM NOME DA

SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL

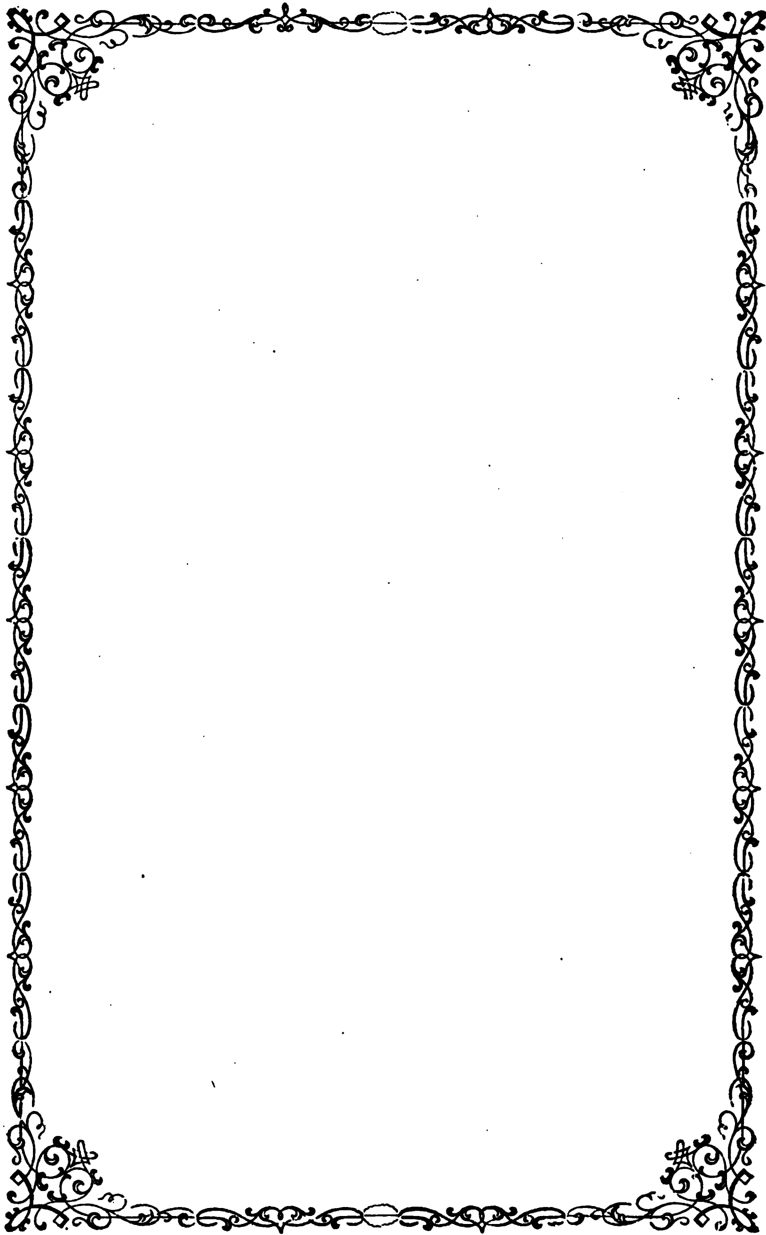
PELO

Dr. ROZENDO MONIZ BARRETO



RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE H. LAEMMERT & C.
71, Rua dos Invalidos, 71
—
1884

F2536
R5B3



AO LEITOR

A Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, poucos dias depois de fallecer o Visconde do Rio Branco, elegeu o Sr. Dr. José Pereira Rego Filho para, interpretando-lhe os sentimentos de apreço e gratidão ao benemerito estadista, que a presidira durante 15 annos, apresentar o elogio historico, de accordo com os estylos do gremio, por occasião de exhibir-se, no recinto de suas sessões, o busto do finado juntamente com os de outros memoraveis consocios e bemfeitores.

Decorridos dous annos, o condigno eleito, pedindo escusa por motivo de força maior, exonerou-se da honrosissima incumbencia.

Foi então que o actual presidente daquella Sociedade, o illustre Sr. Conselheiro Nicolau Moreira, lembrou-se de mim para o desempenho de tão difficil tarefa, superior ás minhas forças pela magnitude do objecto.

Quiz recusar-me por insufficiente, mas sobrelevou a todos os meus escrupulos, como um luzeiro irresistivel, a memoria do grande homem, cujas virtudes de perto apreciei, dentro e fóra do Brazil.

Obedeci, pois, a tão poderosa influencia, no firme proposito de arcar com os despeitos de zoilos, pelo facto de expor a verdade em contribuição para a justiça da historia, neste paiz

que, ainda tão novo, já vai carecendo mais das censuras de Tacito do que dos louvores de Plutarcho.

Transferida a solemne commemoração para o dia 1 de Novembro, 3º anniversario do passamento de Rio Branco, e como não fosse bastante espaçosa a sala de honra da Sociedade, propuz e resolveu-se que se effectuasse o acto no salão do Lyceu de Artes e Officios, onde o cavalheirismo do magnanimo Bethencourt da Silva, prestando-se a tudo com a maior benevolencia e dirigindo os trabalhos decorativos, esmerou-se para que o recinto correspondesse á importancia da homenagem.

Durante mezes tive de consultar e colligir nas fontes principaes todas as informações que me robustecessem a apreciação de uma vida cheia de serviços, relacionados com os ultimos trinta annos do Imperio, supprindo-se as falhas do meu pobre intellecto com os esclarecimentos fornecidos por insuspeitos contemporaneos do egregio Paranhos.

De tudo quanto affirmei em abono do meu biographado existem provas inconcussas nos annaes do parlamento, em archivos officiaes, em artigos da imprensa nacional e estrangeira, em livros e opusculos de subido merito e na palavra notoria de autoridades ainda vivas e respeitabilissimas.

Em que peze a ingratos detractores do heróe, já esquecidos de tanto civismo nas pendencias diplomaticas, na questão religiosa e nas lutas parlamentares que originou o projecto da lei de 28 de Setembro, ha documentos de evidencia esmagadora para quantos pigmêos tentem apredrejar o sol ou interceptar-lhe o brilho com as mãos ennodoadas e dignas da penna diffamatoria.

Só não me foi possivel documentar opportunamente a veracidade das minhas asserções quanto á valiosissima efficacia de Rio Branco, identificado com o brio nacional, na campanha do Paraguay.

Tranquillisava-me, porém, a palavra categorica de Sua Alteza o Sr. Conde d'Eu que, incapaz de fazer sobresahir o merito proprio no escurecimento do alheio, de prompto

firmou-me por escripto a plena convicção, honrando-me com a seguinte resposta:

Rio de Janeiro, 2 de Dezembro de 1883.

Sr. Dr. Rozendo Moniz.

Em carta de 28 do proximo passado mez, me pergunta si posso indicar-lhe o modo de encontrar o texto da communicação official por meio da qual reconheci, na qualidade de Commandante em Chefe das Forças Brazileiras em operações no Paraguay, os relevantes serviços prestados pelo Visconde do Rio-Branco durante a ultima phase d'aquellas operações.

Não possúo infelizmente a minuta do officio que com este motivo dirigi ao benemerito Conselheiro Paranhos, então Enviado Extraordinario em Missão Especial no Paraguay: essa minuta deve ter sido, com todo o archivo do Commando em Chefe, remettida á Secretaria de Estado da Guerra, ou á repartição do Ajudante General, pelo meu benemerito successor no Commando d'aquellas Forças, o Visconde de Pelotas.

O incluso officio, porém, (ora desentranhado do meu pequeno archivo particular) com o qual o illustre diplomata um pouco mais tarde respondeu ao meu, comprova, ainda quando não m'o assegurasse a memoria, que, no momento para mim solemne de deixar o Commando em Chefe das Forças Brazileiras no Paraguay, afim de regressar ao Rio de Janeiro, considerei um dever reconhecer officialmente, e em documento especial, a importancia da dedicada cooperação que para o desempenho d'esse espinhoso encargo me prestara meu saudoso amigo o Conselheiro Paranhos, e que concorreu poderosamente, sobre tudo pela actividade que seus esforços em mais de uma occasião imprimiram ao serviço dos fornecimentos do exercito, para apressar o termo dessa prolongada guerra, nosso commum anhelo.

Rogo-lhe, Sr. Dr. Rozendo, tenha a bondade de devolver-me o officio do Conselheiro Paranhos, que acompanha esta carta, e receba a expressão de meus sentimentos de affectuosa estima.

Gastão de Orleans.

Do officio de Paranhos em resposta ao de Sua Alteza, e datado de 8 de Maio de 1870, destaca-se no trecho seguinte o profundo agradecimento do preclaro diplomata aos louvores do principe:

Por essa occasião Vossa Alteza fez-me a grande honra de encarecer e agradecer o concurso dos meus fracos serviços, como Brazileiro e como Ministro, em favor da causa nacional que a ambos nós impunha sagrados deveres.

E ainda quando não existissem ou se houvessem extraviado esses dous officios, bastaria, para confirmar tanta benemerencia de Rio-Branco, a effusão de pezar com que n'uma carta endereçada de Paris, em Novembro de 1880, ao distincto litterato o Sr. Dr. Alfredo Taunay, e da qual só agora tenho conhecimento, Sua Alteza o Sr. conde d'Eu assim se exprimiu:

Não posso concluir o que nesta se relaciona com o nosso Brazil sem dizer-lhe quão sorprendidos e pezarosos ficámos com a noticia da morte do Visconde do Rio-Branco, ha cinco dias divulgada. Que prematura catastrophe! Que perda para o paiz! Que immenso talento! Que bello coração! Que dedicação ao serviço da patria!

....

Lembro-me com profunda saudade da amizade que elle me mostrava, da dedicada cooperação que elle me prestou nas difficuldades da guerra do Paraguay, e cuja importancia, como o senhor sabe, sempre reconheci; e de tantos outros serviços, prestados ao paiz, de resultados immorredouros. Basta citar entre muitos, o convenio de 1865 em Montevidéo, a lei de 1873 que permittiu o desenvolvimento das estradas de ferro provinciaes, a da reforma do recrutamento e, sobre todas, a grande e previdentissima lei de 28 de Setembro de 1871!

Não é muito que obscuro plebeu se enthusiasme com os feitos de sobreexcellente compatricio, quando até os principes se expandem no mais fervoroso acatamento ao filho do povo, cuja famosa gloria, longe de obscurecer ou prejudicar os

brazões e conquistas da realeza, deve recommenda-los pelo inequivoco apreço que lhes tenha merecido.

Se ha quem se queixe de qualquer allusão offensiva na sinceridade com que defendi certos actos de Paranhos, mal retribuidos ou deslustrados, a culpa não é minha, nem me accusa a consciencia de procurar confrontos odiosos e desnecessarios. Devo, porém, dizer que usaria ainda de maior franqueza, se eu escrevesse por conta propria, em vez de guardar, como guardei, conveniencias interpretando o reconhecimento da Sociedade Auxiliadora perante selecto auditorio.

Abaixo de Deus e acima dos mortos, só reconheço na justiça da historia a magestade a que me curvo, para a qual appello, dando-me por bem pago, se os vindouros, mais competentes do que os contemporaneos, utilisarem alguma cousa d'este meu trabalho em homenagem ao Visconde do Rio-Branco.

Por hoje termino paraphrazeando o sublime conceito do almirante Barroso, depois do combate de Riachuelo:

Não fiz quanto eu desejava, mas fiz o que pude.

Rozendo Moniz.

Rio, 12 de Dezembro de 1883.

O VISCONDE DO RIO BRANCO

ELOGIO HISTORICO

Senhor. Senhores.

Os grandes assumptos não carecem de exordio. Basta-lhes a sympathia que inspiram e o interesse que despertam na alma do povo.

E' o que succede, agora, nesta solemnidade commemorativa, para a qual vindes gratamente dispostos a vêr como se entrelaça a historia de um famoso varão com os factos mais brilhantes da vida nacional.

Remontando-nos em pensamento ao primeiro quartel do seculo IX, paremos alguns instantes no torrão bemdito, onde se descortinou o Brazil aos compatriotas do Gama e logo se erigiu a Cruz, a estender os braços para o futuro do nosso paiz; naquella habitação hospitaleira e pacifica, onde mais se batalhou pela independencia da

patria,onde os claustros se tornaram fortalezas, e os prelados serviram de generaes ; na provincia que tem sido a cabeça, o braço e o coração do Imperio em tormentosas conjucturas ; em summa, na generosa Bahia, contente do seu passado e digna do melhor porvir, quer se recommende por si mesmo o seu valor em tantas prioridades e primazias, quer o proclamem insuspeitos juizes, como por exemplo, o senador Francisco Octaviano, illustre fluminense de cuja penna lampejou o seguinte elogio :

A Bahia, não póde invejar o progresso material de algumas de suas irmãs, porque tem sobre ellas aquelle triumpho moral: é ainda a mãe dos Gracchos, que não ostenta braceletes nem diademas de pedras scintillantes, mas tem uma cintura de filhos benemeritos que lhe dão realce maior.

Cheia de tão assignalados titulos, ufana-se a Bahia de ter sido berço para o Visconde do Rio-Branco.

Na cidade de S. Salvador, a 16 de Março de 1819, nasceu José Maria da Silva Paranhos, filho legitimo de Agostinho da Silva Paranhos e D. Josepha Emerenciana de Barreiros Paranhos.

Seu pae e seus tios o capitão-mór da Bahia Antonio da Silva Paranhos e o coronel de milicias João da Silva Paranhos, abastados commerciantes portuguezes,

mereceram applauso publico, de par com honrosa menção em documentos officiaes contemporaneos, por actos de beneficencia e por serviços notorios ao progressivo governo do Conde dos Arcos.

Entre as caricias da fortuna sorria no berço a infancia do futuro estadista, embalada por mãos philantropicas e ricas de ouro productivo no bem estar da familia e no melhoramento da sociedade.

Dentro de tres annos, porém, a vária sorte mudava inteiramente de aspecto, reduzindo a opulencia á pobreza, fazendo retribuir benemerencias com lances de despeito, transformando louvores em vituperios e pondo estorvos ao porvir de uma criança, ameaçada na ruina pecuniaria dos seus ascendentes. Estes, por fidelidade á terra natal e crendo adherir á defesa da patria na luta politica, haviam apoiado vivamente a resistencia do general Madeira até o memoravel dia 2 de Julho de 1823. Ficaram, pois, vencidos, malvistos e pobres, quando a victoria, afinal, coroou os esforços da revolução oriunda do espirito do tempo, favorecida tanto pelo abatimento moral da metropole quanto pela grandeza natural da colonia, através de trinta annos de aspirações, por duas vezes, ensanguentadas pelo elemento compressivo, mas sempre firmes na idéa da independencia.

Isto posto, coincidiu com a emancipação da America Portugueza o infortunio da familia Paranhos, combatida por amigos de outr'ora, exposta a perigos e embaraços que produziram immenso prejuizo em seus haveres.

De 1823 a 1835 prolongaram-se taes revezes até quando tiveram descanso das agruras da vida, na paz do sepulchro, os extremosos paes do adolescente que, trinta e seis annos depois, subiu ao fastigio da gloria, distinguindo-se entre os grandes do Imperio e immortalisando-se com o titulo de bemfeitor da humanidade.

Ainda na manhã da vida, observa Alvarenga Peixoto, nessa encruzilhada de caminhos que levam a fins tão oppostos, quando o homem, inexperiente e vacillante nos seus primeiros passos, desaconchega-se do seio materno, que só sabe dar caricias, e precisa dos conselhos de um pae que lhe decifre o difficil enigma do mundo, achou-se o joven Paranhos ajoelhado entre dous tumulos, derramando do coração, amargurado de saudades, as primeiras lagrimas de sua triste e solitaria orphandade.

Graças ao espirito com que o dotou a Providencia, espirito capaz de elevar-se ás mais arrojadas projecções dos conhecimentos humanos, e aos sentimentos generosos de que deu prova seu illustre tio materno, o coronel de engenheiros Eusebio Gomes Barreiros, chamando-o para junto de si, habilitou-se o joven estudante para o curso do ensino superior, onde o seu nome conquistou justos applausos.

O trabalho é o pae da gloria, diz o poeta grego.

Eis como se deve comprehender e explicar o engrandecimento do nosso heróe, para quem a pobreza e a orphandade, providencialmente compensadas pela intelligencia e pelo brio, foram os verdadeiros incentivos da sua glorificação.

Habilitado com os preparatorios, obteve Paranhos os meios de transportar-se para o Rio de de Janeiro.

Graças ao dinheiro do seu tio materno ou á passagem facilitada pelo capitão-tenente José Joaquim Raposo a bordo da corveta *Regeneracão*, deixou o bahiano as plagas da Bahia, chegando á côrte no dia 9 de Fevereiro de 1836, para matricular-se na escola de marinha a 3 de Março do mesmo anno.

Não poderia ser de outro modo. A aguia do talento, achando escasso o ninho na cidade da montanha, na terra de Paraguassú, e querendo experimentar as azas no descortinamento de mais largos horizontes, tomou o vôo, não para afogar-se no oceano, qual a cegueira de Moema após a náo do infiel Diogo, mas para adquirir mais força, melhor vida e seguro pouso no seio da formosa e opulenta Guanabara. (*)

A quantos brazileiros ha succedido o mesmo, sem que no melhoramento social de qualquer delles seja licito exprobrar a estreiteza do berço ou a ingratidão filial!

Impressionados pela centralisação, observavel em todas as espheras da actividade nacional, e pelo aphorismo popular de que — ninguem é propheta em sua

---

(*) Outros bahianos, ricos de extraordinario talento, e hoje finados, deveriam ter imitado Paranhos. Basta lembrar estes nomes — Luiz Maria Alves Falcão Moniz Barreto, Dr. José Vieira Ataliba, Dr. Malaquias Alvares dos Santos, conego João Quirino Gomes, Dr. Polycarpo Cabral, Dr. Antonio Alvares da Silva, Francisco Moniz Barreto, Agrario de Souza Menezes, e Antonio Augusto de Mendonça. Dos seis primeiros só restam lembranças, na provincia, em quantos admiraram a palavra ou a sciencia de qualquer d'elles na cathedra, na tribuna ou no pulpito. Quanto aos outros, ainda os recordam magnificos productos de litteratura nacional no drama, na poesia lyrica e no dom improvisatorio.

terra — bem raros são os que se deixam inutilisar em uma provincia,quando podem facilmente subir e florescer na vida commoda e ampla da capital, para onde convergem todas as fontes de riqueza do paiz.

A Bahia, portanto, não póde escapar á semelhante lei de concentração politica, administrativa, economica e litteraria, por mais que tenha sido a Athenas Brazileira e ainda possua, com elementos de prosperidade physica inexgotaveis, tantos filhos condignos, mas obrigados a viverem longe do torrão natal, para melhor acreditarem aquelle famoso berço de estadistas,oradores, poetas, guerreiros e philantropos, conhecidos e victoriados em todo o Imperio.

Ao moço aspirante, orphão de pae e mãe, tão sequioso de saber quão falto de ouro e protecção, tinha de abrir os braços o futuro, não lhe perguntando quem era, ou donde vinha, mas correspondendo á perseverança de quem traz dentro da cabeça a bagagem de Bias.

Promovido a guarda-marinha, Paranhos foi, por aviso de 20 de Fevereiro de 1841, autorisado a matricular-se na escola militar. Já por esse tempo, desde que chegára á côrte, dava explicações de mathematicas, afim de sustentar-se com decencia, ensinando aos seus condiscipulos menos adiantados o que havia aprendido.

Foi assim que viveu nove annos o admiravel mancebo, reduzido a seus proprios recursos, votado a incessante labor, discipulo e mestre simultaneamente, até receber a carta de engenheiro.

Começaram depois a sorrir bonanças em dias mais serenos, em fructos colhidos na senda do magisterio, ao voluntario do trabalho scientifico, já desembaraçado entre as urzes da peregrinação, já certo do rumo para farta messe de louros, graças á estrella que o encaminhava até á gloria.

Cabe aqui mencionar um facto occorrido, em 1843, na vida particular de Paranhos, e que muito influiu no seu glorioso destino. O joven militar casou-se com D. Thereza de Figueiredo Faria, hoje viscondessa do Rio-Branco, respeitabilissima senhora, prototypo de resignação, modelo de peregrinas virtudes, que tanto confortaram o grande batalhador em horas de terrivel provança. Elle a adorava, considerando-a seu anjo da guarda. Ella se absorvia nos cuidados do lar, poupando o esposo a preoccupações domesticas, e assim lhe deixando livre para o estudo a melhor porção do tempo. (*)

Promovido, a 9 de Fevereiro de 1843, a 2° tenente, o engenheiro Paranhos foi, a 20 de Abril do anno seguinte, nomeado para reger interinamente a cadeira de artilharia da escola de marinha, donde, tendo recebido, por decreto de 9 de Maio do mesmo anno, a nomeação de lente substituto de

(*) Desse auspicioso consorcio provieram nove filhos, dos quaes restam cinco, sendo um delles o primogenito, o Sr. Dr. José Maria da Silva Paranhos, actualmente consul geral do Brazil em Liverpool, e nome vantajosamente conhecido, quer nas lutas da imprensa, quer por investigações de historia patria.

mathematicas, passou nessa categoria, por decreto de 10 de Dezembro de 1845, para a escola militar. Nomeado, a 11 de Maio de 1848, lente cathedratico de artilharia e fortificação naquella escola, foi transferido, em 1856, para a cadeira de mechanica. Por occasião da reforma das escolas militares do Imperio, em 1860, passou a reger a mesma cadeira na escola central, até que o decreto de 3 de Junho de 1863 o transferiu para a cadeira de economia politica, estatistica e direito administrativo.

No decurso de vinte annos, em grande parte occupados com as lides da imprensa, as vicissitudes politicas, os cargos administrativos e as missões diplomaticas, admira tanta variedade de conhecimentos para não desmerecer no ensino de materias tão diversas e importantes. A quem não conhecesse de perto a privilegiada tempera e os habitos laboriosos no omnimodo talento do eximio professor, viria naturalmente a idéa de perguntar, acompanhando-lhe a ascensão na escala social, se aquelle homem estudava para subir ou subia para estudar.

Quando não sobrassem outros titulos para o distinguirem na estima publica e o sagrarem bellissimo exemplo ao respeito da juventude, bastaria a proficiencia de que deu exuberantes provas no magisterio, pela seguridade do philosopho espiritualista, unida á exactidão do mathematico e á experiencia do homem pratico, triplice merecimento difficillimo

de encontrar-se entre os invejosos e enthusiastas da fortuna de Paranhos.

Reorganisada, em 1874, a escola central, que passou a denominar-se polytechnica, foi, por decreto de 13 de Setembro de 1875, nomeado para dirigil-a o illustre e querido lente de economia politica, a quem por direito de antiguidade e alta posição official cabia esse honroso logar, cujo desempenho teve de ser simultaneo com o exercicio daquella cadeira.

Em 1877 jubilou-se o preclaro mestre, deixando, entre as saudades dos collegas e dos discipulos, a mais eloquente prova de benefica influencia nas luzes perduraveis de suas lições.

Vem a pello rememorar um facto mencionado pelo *Jornal do Commercio* de 3 de Novembro de 1880:

> Quando, depois da longa interrupção que fôra obrigado a fazer no magisterio, o ex-presidente do ministerio de 7 de Março apresentou-se de novo em sua cadeira, o edificio da escola polytechnica regorgitava de homens illustres, attrahidos pela natural curiosidade de ouvirem a palavra grave e austera do mestre que, tanto tempo havia, emmudecêra no remanso das labutações pacificas da sciencia para vibrar nas lides ardentes da politica. O sabio mestre não se deixou ficar aquem da grande espectação, e nessa e nas subsequentes lições mostrou como a agitação da politica lhe não fizera perder as qualidades do professor.

Segundo o asseguram juizes competentes, cumpre ajuntar que naquelle estabelecimento scientifico, onde

tanto brilharam os dotes magistraes de Raposo, Oliveira, Candido Baptista, Freire Allemão, Gomes de Souza, Mello, Bellegarde, Lossio, Capanema e Villa Nova, nenhum delles se avantajou a Paranhos no desempenho da cathedra.

Do quanto lhe valêram os incentivos e disvelos de preceptor é edificante attestado o trecho seguinte do discurso por elle proferido, a 13 de Novembro de 1877, em sessão solemne do Instituto Polytechnico Brazileiro :

Este logar, (o edificio da escola polytechnica) desperta em mim, seja-me permittido dizê-lo, gratas recordações de um passado que não volta mais, porque era o sonho dourado do moço, votado ao culto das letras, ou a fé ardente do cidadão, sem as provações que todos nós, não importa a posição, experimentamos nos caminhos escabrosos da vida social.

Dous annos depois, em Julho de 1879, com sorpresa geral e profunda magua do corpo docente e dos alumnos, era demittido o dilecto e exemplarissimo director, que estava, no gozo de licença, viajando pela Europa e enriquecendo mais o seu espirito para ainda melhor servir a patria. O presidente do ministerio de 5 de Janeiro de 1878, dias antes, declarara, em pleno parlamento, que não podia exonerar o venerando funccionario, porque tal solução ao conflicto, suscitado entre o ministro do Imperio e o director interino da escola, seria um acto injusto.

Entretanto praticou-se a injustiça, para vencer embaraços inopinadamente sobrevindos ao governo em luta com a congregação e os estudantes. De tão imprevisto desfecho nenhuma reparação se deu ao exonerado, nem ao menos uma carta communicando-lhe os motivos do sorprendente decreto, do qual só teve conhecimento pelo *Diario Official!*

O poder é o poder! Felizmente pela boca do proprio ex-ministro, que celebrisou esta phrase do alto da tribuna, levantaram-se energicos protestos fulminando esse acto do governo.

Deixemos, porém, o ciclo abrangido pela capacidade scientifica e profissional do prestantissimo varão, para o acompanharmos em mais largos compartimentos da vida publica.

Data de 1844 a estréa de Paranhos na imprensa, como redactor do *Novo Tempo,* onde o seu merito apenas careceu de mostrar-se para logo attrahir admiradores.

Dilatado o circulo dos seus estudos especiaes nas sciencias exactas com os multiplos conhecimentos da philosophia, da historia, da litteratura e do direito, o joven campeão se apresentava nas justas politicas, tendo por arma de combate a penna de jornalista e por meio de subsistencia a cadeira de professor. Não era, pois, um especulador adventicio, era um talento

bemvindo que se filiava ao partido liberal, com a firme resolução de obedecer, não a caprichos individuaes, mas ao interesse collectivo, ás leis do progresso, aos verdadeiros factores do engrandecimento nacional.

Isto mesmo é reconhecido pelo escriptor do opusculo *Os nossos homens*, quando se exprime assim:

Ninguem com mais bellos dotes e titulos mais legitimos bateu já á porta de um partido. Moço, talentoso, illustrado, brando, affavel, insinuante, sabendo mostrar-se a tempo...S. Ex. era inquestionavelmente o que se podia chamar uma boa acquisição.

Alguns artigos de estréa bastaram para dar idéa do valor de tal auxiliar.

A este incompleto perfil, traçado por adversario que deixa na sombra a melhor parte do retrato, accrescenta um consciencioso biographo:

Auxiliar iniciado nos segredos do coração humano, por ter passado através de todas as penosas estações da vida; auxiliar recrutado nas fileiras do povo, inspirado e robustecido nas suas dolorosas provas, e a quem só a geração que nos succeder terá o direito de perguntar por actos que nos impõem silencio.

A imprensa facilitou-lhe accesso ao suffragio popular. Foi-lhe conferido mandato á assembléa legislativa provincial do Rio de Janeiro, em 1845. Logo depois recebeu a nomeação de secretario do governo e, em 1846, a de vice-presidente da mesma provincia. Em

taes cargos soube captar a estima de adversarios, merecendo louvores e provas de muito apreço do presidente effectivo, o senador Aureliano Coutinho.

No impedimento deste, que veio tomar assento no senado, o Dr. Paranhos serviu de presidente, desde Maio até Setembro de 1847, buscando conhecer e remediar as necessidades mais urgentes da provincia, em tão curto periodo administrativo, ao qual se deve a expedição de instrucções regulamentares para o ensino primario e secundario. Com esse acto de administração provincial appareceu, pela primeira vez, no Brazil, a idéa de crear escolas médias, destinadas aos que, não querendo seguir cursos superiores, carecem de preparar-se para os diversos misteres da vida. Este generoso pensamento, logo abandonado por prematuro, realizou-o, muitos annos depois, a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, por iniciativa do seu presidente (Visconde do Rio Branco) a quem o tempo veio dar plena razão.

Hoje todos reconhecem e apregoam a urgentissima importancia do ensino profissional para as classes industriaes, como forçosa premissa da livre concurrencia a que deve aspirar o trabalho brazileiro, disposto á cultura intensiva na abolição do braço escravo e devendo produzir melhor para encontrar maior consumo no estrangeiro.

Eleito, em 1847, deputado á Assembléa Geral, com a mais numerosa votação, pela provincia do Rio de Janeiro, valiosissimo titulo para o moço, que apenas

contando 28 annos, não era herdeiro de um nome famoso, nem dispunha do favor dos grandes, o sympathico bahiano, se em seus primeiros discursos não patenteou magnificencias oratorias, distinguiu-se logo por muita perspicuidade em pareceres produzidos na commissão de marinha e guerra.

Adiadas as sessões legislativas e depois dissolvida a camara temporaria, em 1848, ao rebentar a revolução em Pernambuco, o Dr. Paranhos voltou-se para a imprensa como redactor do *Correio Mercantil*, orgão do partido liberal, e em cujas luminosas columnas se abrigaram talentos do quilate de Salles Torres-Homem, José de Assis e Francisco Octaviano.

Empregando-se na defesa da causa democratica e dos co-religionarios proscriptos, a flammejante penna do novo paladino, opposto aos abusos do poder, não serviu de arma contra a ordem, a monarchia e as instituições juradas do paiz.

Deste radioso periodo de sua vida, dizem insuspeita e cabalmente os seguintes trechos do opusculo *Os nossos homens* :

As derrotas inesperadas não abatem as forças, exaltam-n'as, O *Correio Mercantil* desse tempo foi o orgão legitimo das aspirações, das dolorosas agonias do grande partido derrotado e desbaratado...Quando se tem consciencia da propria força, não se capitula com o primeiro revez.

Uma commoção geral activava os espiritos. A combustão era patente. Uma faisca bastava para produzir o incendio. Rompeu a revolução de Pernambuco.

O Sr. Paranhos commoveu-se com a derrota de seus alliados, com o desmantelamento de todas as forças do seu partido. Écho sincero das agonias e dos gemidos das victimas, a sua palavra eloquente vibrou accentos de suprema dôr e de suprema consternação pela ruina dos seus principios, pela morte dos seus amigos, pelo destino dos seus camaradas de combate. De sua penna inspirada rebentaram espontaneamente bellos e vigorosos artigos.

De subito, porém, se recolheu das afanosas lides da imprensa o estrenuo campeão. Este facto, que uns justificam pelo cansaço, outros o explicam pela exageração partidaria de collegas em desharmonia com o espirito lhano e cordato de Paranhos.

Para quantos entendem que os homens politicos devem, por falso pundonor convencional, sacrificar a velhos principios o melhoramento da patria no progresso de novas idéas, para esses contemporaneos injustos e adversarios gratuitos o ex-redactor do *Correio Mercantil* não escapou á pecha de versatil e apostata. A defesa não se fez esperar e foi completa, quando, pela primeira vez no parlamento, lhe atiraram em rosto o ter patrocinado a todo transe a causa da revolução, para depois ligar-se ao partido conservador. Basta rememorar as seguintes palavras de Paranhos, no recinto da representação nacional :

Sempre esposei os principios de paz, de ordem, de uma liberdade bem entendida. Nunca segui o principio de resistencia armada. Entendo que este principio é desnecessario no systema representativo, (*apoiados*) que é perigoso, quasi sempre

fatal aos proprios que a elle recorrem (*apoiados*) sempre condemnavel e punivel, segundo a nossa constituição e as nossas leis. (*Apoiados*).

Militei, senhores, nas fileiras do partido mais progressista do nosso paiz, recordo-me desse passado com muita satisfação; mas militei seguindo os principios de uma liberdade bem entendida; e mesmo nunca vi que os homens mais eminentes e esclarecidos desse partido abraçassem o principio da resistencia armada. *Não ha um só acto, não ha uma só palavra por mim pronunciada ou escripta em minha curta e obscura vida politica, que possa desmentir a minha asserção.* Foram sempre esses os meus principios, e são ainda hoje; ha só uma differença: é que hoje os comprehendo melhor pelas poucas luzes e experiencia que o tempo me tem dado.

Não tardou muito que o retrahido escriptor, aproveitando as horas vagas do magisterio, se restituisse á imprensa, rainha da opinião, a cujo imperioso attractivo não póde fugir de todo quem já teve a ventura ou desgraça de obedecer-lhe aos feiticeiros acenos. Appareceram, então no *Jornal do Commercio* (1850) as celebres *Cartas a um amigo ausente*, comparaveis na graça e bom senso a folhetins de Octaviano e Lopes de Mendonça, escriptas com grande sabor de actualidade, mais litterarias do que politicas, notaveis tanto pelo brilho purissimo da fórma, quanto pelo fundo da observação, rica de estudos sérios e aliás despretenciosos.

Tão uteis e chistosas missivas, cujo autor se escondia sob o véo do anonymo, mereceram sempre o maior acolhimento, pela verdade com que semanalmente se occupavam das causas de atrazo, ensinando remedios para melhorias do Brazil.

Só por excepção, esses artigos hebdomadarios occuparam-se das aggressões do tyranno Rosas, as quaes serviram de popularisar a guerra que sobreveio, bem como dos vexames de Montevidéo, nova Troya apertada, durante dez annos, em vigoroso assedio pelo general Oribe.

Quem leu mais tarde as *Cartas de um solitario*, devidas á penna de Tavares Bastos e as *Cartas de Erasmo*, por José de Alencar, se admirou os talentos e a nobre franqueza de cada um em seu genero, não poderia esquecer o cunho especial de espontaneidade e patriotismo das *Cartas a um amigo ausente*, gabadas e colligidas por estrangeiros distinctos, quaes o general Mitre e os Drs. Roque Pçrez e João Maria Gutierrez.

Desde 1 de Maio de 1851, Paranhos começou a fazer parte da redacção do *Jornal do Commercio*, empreza já prospera e convidativo abrigo para o filho do trabalho, prevenido contra os azares da politica, *essa infecunda Messalina que de seus braços convulsos pelo hysterismo a ninguem deixa sahir senão quebrantado e inutil*.

Referindo-se com louvavel orgulho a tamanha acquisição, disse o mais seguro orgão da imprensa brazileira:

Foi aqui que Honorio Hermeto Carneiro Leão, de saudosa memoria, veio convidar ao joven que havia de ser o Visconde do Rio-Branco, para o acompanhar como secretario da missão especial, por esse tempo enviada aos Estados do Prata.

Querem uns que os elogios feitos pelo Visconde de Sepetiba a seu ex-secretario, e outros que lisonjeiras informações do Conde de Condeixas, negociante portuguez e amigo particular do indigitado, levassem o Visconde de Paraná a ir em procura do seu novo auxiliar, com a presteza de mergulhador a quem apontam um thesouro no fundo das aguas.

Pódem ser verdadeiras ambas as versões, entretanto, reconhecida a perspicacia do estadista mineiro, capaz de descobrir agulha em palheiro, quanto mais de aquilatar um homem de talento em plena vida social, é justo dizer que a escolha foi aproveitavel e honrosa para ambos. O estadista utilisou-se dos raros dotes de um seu vigoroso adversario, a quem não conhecia pessoalmente; o moço, rico de esperanças e brios, encontrou a mais auspiciosa confirmação dos seus meritos.

Houve quem affirmasse (e ainda ha quem sirva de écho a tão falso boato), que o feliz convidado respondêra ao seu poderoso interlocutor:

Com V. Ex. irei até para o inferno.

Esta anecdota, repetida por D. Manoel de Assis Mascarenhas no senado, quando já não era vivo o Marquez de Paraná, deu logar a immediato protesto do conselheiro Paranhos, que apenas disse:

E' uma invenção a que não preciso de responder.

Do como trabalhou e sobresahiu o secretario da missão especial nas republicas do Prata, nomeado a 20 de Outubro de 1851, ha provas irrecusaveis tanto em palavras do Marquez de Paraná e do Visconde do Uruguay, quanto em louvores escriptos, como homenagem posthuma, á luz da imprensa de Buenos Ayres pelo general Mitre. Em artigo editorial da *Nacion* de 3 de Novembro de 1880, assim se exprimiu este preclaro argentino:

Mui joven ainda veio Paranhos ao Rio da Prata no caracter de secretario do plenipotenciario do Brazil, o ministro Carneiro Leão, cuja politica preparou a grande alliança que derribou Rosas em Monte-Cazeros. Paranhos foi a alma dessa missão, e desde então identificou-se com as questões do Rio da Prata.

Terminada a incumbencia diplomatica de Honorio Hermeto, o Visconde de Uruguay, então ministro dos negocios estrangeiros, perguntou-lhe qual das duas legações deveria confiar a Paranhos, se a de Buenos-Ayres ou a de Montevidéo.

Confie-lhe a que V. Ex. julgar mais importante.

Respondeu Paraná.

Foi assim que, alguns mezes depois de recrutado na imprensa para a diplomacia, tornou-se digno de receber a nomeação de ministro residente em Montevidéo, por

decreto de 19 de Abril de 1852, aquelle moço de 33 annos, já habilitado a influir vantajosamente na politica internacional, a ponto de causar pasmo e merecer encomios de provectos estadistas.

O Visconde de Uruguay dizia em Fevereiro de 1853 ao commendador Moreira de Castro, do *Jornal do Commercio*:

Approvo muitas vezes o que fazem os nossos agentes diplomaticos, mas parece-me quasi sempre que, se eu estivesse no caso delles, faria mais alguma cousa. Com o Dr. Paranhos não succede assim. Sempre que leio os seus despachos, digo para mim: E' precisamente o que eu faria ou diria.

Como documento honrosissimo do quanto já merecia na confiança do governo imperial o seu emissario em Montevidéo, basta recordar o trecho do relatorio em que o ministro dos negocios estrangeiros, ponderando a importancia das questões pendentes e os meritos do negociador brazileiro, justifica o pedido feito á camara temporaria para consentir que o Dr. Paranhos, eleito deputado pelo Rio de Janeiro, pudesse continuar no exercicio do cargo de ministro residente no Estado Oriental.

Bem inspirado andou o governo brazileiro em confiar a sua mais importante legação no Rio da Prata á ductilidade intellectual de Paranhos, cujo habilissimo trabalho sabia tirar grande proveito da sympathia e amenidade caracteristicas de sua pessoa.

A verdadeira diplomacia não ameaça com a força

bruta de canhões e bayonetas, mas argumenta sempre com os direitos de um povo; não obriga a dispendios onerosissimos com a infecunda paz armada, mas evita, pelas bisarmas da intelligencia, lutas sangrentas entre nações separadas por interesses e systemas diametralmente oppostos. A verdadeira diplomacia não arranca os braços mais vivificantes da industria para servirem de pasto á metralha, mas prepara em cidadãos laboriosos e instruidos os perduraveis defensores da integridade nacional; não alimenta dissenções entre vizinhos para medrar com a ruina delles; não é o abutre sinistro a esvoaçar, farejando os despojos do vencido na imminente hecatombe; mas é symbolo de bonanças, como aguia que paira auspiciosamente sobre a concordia dos Estados. A verdadeira diplomacia não é Bellona transfigurada em Astréa para inclinar a seu favor, a peso de ouro, o fiel da balança da justiça, emquanto não rompe, com a espada de Breno, sagrados ajustes. Não é Luiz Napoleão, nem Bismark annexando ou absorvendo; é Cavour, é Thiers, unindo e recompondo. A verdadeira diplomacia não é a arrogancia mal disfarçada em queixas ou protestos extemporaneos e absurdos, mas a briosa paciencia que tudo consegue, sem armadilhas, sem embustes, sem mystificações, apagando odios incendidos de um lado por inveja e despeito do fraco, do outro lado por orgulho e intolerancia do forte.

A verdadeira diplomacia não se improvisa, forma-se

á custa de muita vocação, de muito estudo, de muito meneio e trato dos negocios internacionaes. Tudo isto requer prudencia, argucia, delicadeza e longanimidade.

Não é diplomata quem logo se enfurece e desatina com a primeira contrariedade; não é diplomata quem se offende com os assomos proprios da indole e origem do contendor; não é diplomata quem se refugia da elegancia e polidez dos salões no viver egoistico do lar inaccessivel e mesquinho, para decidir questões que entendem com a mais generosa permuta de idéas; não é diplomata o mandão politico, habituado a ser obedecido na provincia, e que, de repente, se incumbe de sustentar a paz ou combater a guerra entre dous povos cultos, impondo-se com o formidavel cortejo de esquadras e exercitos; não é diplomata quem pensa que todas as questões se resolvem a ferro e fogo, ou só reconhece a razão e o direito na superioridade de territorio, de população e de riqueza; não é diplomata quem procura allianças, reconciliações ou desaggravos, exigindo impossiveis, irritando prevenções ou recorrendo logo aos extremos em reptos furibundos.

Poder-se-hia então chamar diplomata quem, na melhor sociedade, se desembaraçasse inopinadamente da casaca e das luvas, investindo de punhos cerrados e voz trovejante, com a intenção de recobrar no pugilato o que perdeu no embate das idéas.

Só é diplomata quem póde vencer-se a si mesmo,

antes de vencer os outros, sabendo ganhar tempo e adhesões, para não compromettter o futuro de uma grande causa no arrebatamento de grosseira e irrisoria vaidade.

Seria inutil argumentar com o melhoramento progressivo da humanidade, se a diplomacia não fôsse a mais bella conciliação do cosmopolitismo com o patriotismo, isto é, a harmonia de interesses da generosa idéa do philosopho, que aspira a vêr congraçados os povos em uma só familia, com o sentimento ineffavel do homem que adora no torrão natal a miniatura do universo.

Paranhos sentia e pensava assim, quando em paiz estranho, ainda que mui proximo do seu, teve de exhibir em mais vasto scenario maravilhosas faculdades.

Vêm muito a proposito as seguintes palavras de um bem informado apologista :

As novas idéas, de que se fizera elle (Paranhos) o campeão, começaram a transfigurar a diplomacia, que fôra até então o signal precursor da guerra, ou a ave de rapina que voejava na retaguarda dos exercitos para disputar e recolher o melhor quinhão dos campos de batalha. Estava longe o tempo da correspondencia intima entre o Barão de Bréteuil e o sol de Versailles, e o das escandalosas confidencias do Duque de Richelieu ao Bem-Amado do povo pariziense. Nas mãos de Paranhos a diplomacia era um poderoso instrumento de paz e de civilisação.

Quantos obstaculos, porém, se oppuzeram ao novo diplomata em Montevidéo, é facil de aquilitar, já por antigos preconceitos, resultantes da differença de origem

e fórma de governo dos dous povos vizinhos, já pela instabilidade das instituições de um paiz continuamente exposto a lutas intestinas, já por desconfianças e resentimentos da Republica Oriental, em consequencia de inconvenientes discussões no parlamento brazileiro, e além de tudo isto, pelo espirito partidario que no Brazil carregava de negras côres o quadro, vendo através do mais horroroso prisma os negocios politicos daquella nação limitrophe!

O agente diplomatico brazileiro entendia, com todo fundamento, que, depois de alcançada a pacificação da Republica pela alliança do Imperio, ao governo deste não era licito distinguir *colorados e blanços.*

De facto, se não convem arrastar interesses da patria na sorte de um partido, em paizes onde as bandeiras politicas se mantenham pela tradição e importancia numerica dos principios, pela firmeza de suas crenças, pela estabilidade das instituições, sobe de ponto a inconveniencia na vida intima de povos habitualmente expostos a procellas sociaes, pela mobilidade e existencia ephemera de grupos dominantes sob o arbitrario impulso de aventurosos caudilhos. Assim inspirada, não poderia deixar de sahir victoriosa e bemquista a diplomacia brazileira, graças á pericia do seu representante, cujo proceder, só tendo por objectivo estreitar os vinculos de amizade entre os dous povos, foi estrictamente regulado pelas relações subsistentes entre o Imperio e a Republica.

Depois de promover a conservação da paz do Estado Oriental sobre as bases da alliança celebrada em 12 de Outubro de 1851, Paranhos, sabendo conduzir-se, no trato particular entre gregos è troyanos, com a mesma isenção official, prestou o possivel apoio á presidencia de D. João Francisco Giró. Dest'arte conseguiu que os partidos belligerantes depuzessem as armas, reconciliando-se e promettendo viver despreoccupados da idéa de vencedores e vencidos.

Não tardou muito, porém, que se rompesse tão bello pacto, mediante o qual se poderia restaurar a Republica abatida por 10 annos de guerra civil.

Ante a parcialidade do presidente Giró, influida por actos da maioria parlamentar, que visava o predominio de um partido para exclusão de outro, renasceram os odios politicos e com as explosões partidarias a imminencia de luta fratricida.

Assim contrariados os beneficos intuitos do diplomata brazileiro, em cuja opinião o governo imperial devia prestar ao da Republica principalmente conselhos e bons officios, para impedir na anarchia a effusão de sangue, negou-se terminantemente Paranhos a interpor-se, com as bayonetas e canhões do Brazil, na calamitosa situação creada pelos desacertos do governo oriental. Se o Imperio não tinha o direito de ser ouvido como amigo e alliado, não era justo que se convertesse em passivo instrumento de paixões partidarias.

Antes de restituir-se ao seio da patria, onde o

Marquez de Paraná lhe reservava a pasta da marinha, recommendando-o ao mesmo tempo com o maior empenho ao suffragio popular, o Dr. Paranhos teve a fortuna de subscrever, a 22 de Abril de 1853, com D. Florentino Castellanos, representante do Estado Oriental, o accôrdo que pôz termo á questão de limites, pendente desde 1774.

Tendo sido nomeados pelos dous governos os commissarios que deviam proceder á demarcação estipulada em 12 de Outubro de 1851 e em 12 de Maio de 1852, suscitáram-se duvidas entre os demarcadores, quando já estavam concluidos os trabalhos geodesicos da fronteira e se ia fixar a linha de limites. O commissario oriental insistia em dar uma direcção inaceitavel para o commissario brazileiro, o marechal Barão de Caçapava, que logo officiou á autoridade competente, protestando contra o facto de se confundir o pontal do Paraguayo com o de S. Miguel, e fazendo vêr que o terreno disputado valia bem uma guerra.

Consultado o governo imperial, que logo deu plenos poderes ao seu representante em Montevidéo, ficou definitivamente resolvida uma questão insoluvel durante quasi 80 annos, sendo alfim coroados de bom exito as justas pretenções do Brazil e os esforços do seu prestimoso diplomata.

Este era, pois, mui digno de occupar os altos postos que o esperavam nos conselhos da corôa e no parlamento, quando, tres mezes depois de organisado o gabinete da conciliação, veio, em 14 de Dezembro de 1853,

tomar conta da pasta da marinha e assumir o mandato popular, graças á poderosa e honrosissima iniciativa do Marquez de Paraná, cuja gratidão se esmerára em recommendar a candidatura do seu ex-secretario aos eleitores do Rio de Janeiro.

Em abono dos meritos de Paranhos e dos reaes serviços prestados em sua primeira missão diplomatica, o venerando Marquez de Abrantes proferiu no senado, a 10 de Junho de 1854, o seguinte vaticinio :

O Sr. Paranhos, em todos os negocios que passaram por suas mãos no Estado Oriental, deu provas de muito tino, muita habilidade e muito desinteresse, e escreveu notas que eu me ufanaria de assignar. O Sr. Paranhos não vôa com azas emprestadas, tem azas proprias, e eu me atrevo a fazer a prophecia de que elle ha de avultar muito na administração deste paiz pelo seu caracter pessoal, pela sua habilidade e tino.

Tudo isto responde cabalmente a cegos adversarios que explicavam a rapida ascenção de tão laborioso talento pela sua versatilidade, exprobrando-se-lhe até o desempenho de funcções diplomaticas, ás quaes nada importam as côres da politica interna.

Ante as sérias difficuldades oppostas a Honorio Hermeto, ao compôr um ministerio principalmente destinado a conciliar os partidos, regenerando a politica do paiz e fazendo desapparecer a luta que por tantos annos agitára as questões administrativas, fôra absurdo querer que o Marquez de Paraná deixasse de incluir entre os

collegas de gabinete o seu magnifico auxiliar no exterior, isto é, o *liberal exaltado e intolerante* no dizer de muitos invejosos, o *energumeno aos* 25 *annos*, mas cujas idéas em 1844 erão estas :

Quereis a prosperidade da nação?... Derramai o balsamo da *conciliação*, por vossos actos inspirai ao paiz a maior confiança possivel no seu futuro: franqueza e justiça para todas as opiniões, a par de fortaleza para com o delirio das facções; alargai a esphera dos cidadãos que podem tomar parte nos negocios do Estado : proscrevei o exclusivismo, que manda dar sómente importancia a um limitado numero de pessoas; usai de clemencia para com o vencido; economisai o suor da nação; estendei afoutamente a espada da justiça até os logares onde empregados delapidadores estragam a riqueza publica ; fazei com que as camaras sejam realmente a expressão do paiz inteiro e não commissões de certas potestades. Assim conservareis á corôa todo o seu brilho e magestade, a constituição deixará de ser uma chimera, a vertigem dos revolucionarios desapparecerá, como as nevoas da madrugada ao primeiro clarão do oriente.

Quereis a desgraça do paiz? Pois bem : exercei a parcialidade e a injustiça para com aquelles cujas opiniões fôrem diversas; concentrai todo o vosso poder nesses amigos que vos acompanharão nos dias de felicidade, que vos darão o ultimo empurrão para o abysmo no dia da desgraça ; sêde desapiedados com os vencidos, condemnai á fome, á miseria e á morte os que se não jungirem ao vosso carro : eternizai as dissensões civis, e a vossa obra estará completa com o desmantelamento do Imperio, e o aniquilamento de tudo quanto tem de mais caro a nação.

Assim escrevia, em plena juventude, o redactor do *Novo Tempo*, dirigindo-se então aos seus co-religionarios

no poder, e prégando aquella tolerancia caracteristica, de que deu provas até os ultimos dias de vida.

Quando, porém, se modificasse Paranhos em suas idéas liberaes para adherir, como tantos outros, á mudança que resultou da conciliação dos partidos, justificar-se-hia tal procedimento no seguinte juizo critico de José de Alencar, a proposito desse periodo de transformação politica:

Os nossos partidos, força é confessa-lo, nunca tiveram principios bem pronunciados, e naquelle tempo mais do que nunca, certos dogmas de um e outro lado pareciam senão proscriptos, ao menos esquecidos ou modificados; os nomes eram os unicos symbolos das duas opiniões que por muito tempo dividiram o paiz.

Que sabor de actualidade nesta verdadeira apreciação! Hoje, mais do que nunca, a confusão ou, para melhor dizer, a inversão das idéas é tal que liberaes parecem conservadores e conservadores parecem liberaes.

Quantos, porém, dos que tentaram estygmatisar Paranhos, estariam isentos da pecha de versateis?

Dos que já não vivem quantos acabaram no partido liberal e haviam começado nas fileiras oppostas?

Basta recordar o Marquez de Olinda, Souza Franco, D. Manoel, Ferraz, Zacarias, Nabuco, etc.

Dos que ainda vivem. . . . o melhor é não declinar nomes. Responda a consciencia de cada um, podendo aliás augmentar com a Inglaterra nas deserções politicas

de Canning, Robert Peel, Disraeli, Palmerston, Gladstone e outros, ou com a França na impersistencia de vultos como Thiers, que nem por isso deixou de subir á presidencia da Republica, celebrizando-se pelo distinctivo de libertador do territorio.

Entrando no exercicio do cargo de ministro da marinha o deputado Paranhos, distinguido com brilhante reeleição, occupou-se assiduamente de altos negocios administrativos daquella pasta até 14 de Junho de 1855, quando houve recomposição ministerial.

O notavel projecto de promoção na armada, a expedição de varios regulamentos acerca de voluntarios e recrutas, bem como para marcar os prazos de serviço, accesso, soldos e outras vantagens dos imperiaes marinheiros, a creação das companhias de aprendizes no Pará e na Bahia, emfim, o apparelhamento da força naval que teve de apoiar o diplomata enviado ao Paraguay, firmaram ainda mais a reputação do eminente bahiano, tão prompto em atinar com as subtilezas da diplomacia, quão facil em multiplicar-se por todos os compartimentos administrativos.

Ao retirar-se do gabinete o Visconde de Abaeté para ir ao Rio da Prata em missão especial, coube a Paranhos substitui-lo na pasta dos negocios estrangeiros, e, após brilhante discussão, que lhe mereceu louvores dos proprios adversarios, firmar a 6 de Abril de 1856, com o plenipotenciario de D. Carlos Lopez, o tratado de amizade, navegação e commercio.

Desde 1852 esforçava-se o governo brazileiro por chegar a um accôrdo com o do Paraguay, quanto á navegação fluvial, isto é, a questão de vida ou de morte para a provincia de Matto-Grosso, ainda hoje na dependencia da principal arteria dessa republica limitrophe, afim de communicar-se regularmente com o Imperio.

O governo paraguayo, representado por D. José Berges, discipulo da escola jesuitica, suppondo que o Brazil estava nos paroxismos de naufrago prestes a succumbir, não queria separar a questão de limites, impossivel de resolver-se por absurdas pretenções, da questão de transito fluvial, implicitamente estipulado no art. 3° do pacto de 25 de Dezembro de 1850.

Comquanto se adiasse, por intransigencias do ministro paraguayo, a esclarecida questão de limites, na qual segundo o juizo insuspeito de D. Manoel de Assis Mascarenhas, o direito do Brazil ficára vencedor, foi realmente satisfactorio o desfecho da enredada negociação, tornando-se um florão de gloria para o plenipotenciario brazileiro, que evitou a guerra imminente e abriu communicação pelo rio Paraguay á tão infeliz, quão vasta provincia de Matto-Grosso.

A 7 de Março do mesmo anno, o conselheiro Paranhos, ligando o seu nome ao do illustre Visconde de Abaeté, conseguiu celebrar o tratado que assentou em novas e solidas bases as relações da Republica Argentina com o Imperio.

Estão gravadas na memoria de todos os contemporaneos as scenas do horroroso trafico, indiziveis para Livingston, inolvidaveis no remorso de quantos se empregaram nesse commercio de carne humana, estygmatisadas pela musa de Castro Alves na bellissima poesia *O Navio Negreiro*, e só desapparecidas entre a Africa e o Brazil, quando, pela intervenção humanitaria da Inglaterra, de par com a tenacidade administrativa de Euzebio de Queiroz, supprimiu-se a abominavel corrente, contra a qual não pôde o governo brazileiro durante vinte annos, sob a pressão da agricultura nacional em calamitosa alliança com os fornecedores de escravos.

Tudo quanto possa exprimir cobiça, egoismo,traição, covardia, infamia, ferocidade, é pallida cópia da especulação que teve por complice o oceano, que abusou da propriedade, da vida e da honra de uma raça, para tortura-la dentro de verdadeiros tumulos fluctuantes, e que fazendo impunemente do sangue da Africa o veneno da America, veio concretisar, na mais odiosa das instituições, o monopolio da terra, do capital e do trabalho, em detrimento de todas as fontes de riqueza, em desproveito de todos os agentes de progresso, em descredito de todos os incentivos patrioticos e philantropicos.

Para quem estudar imparcialmente os embaraços e desgostos a que se viu exposto o nosso paiz, até desapparecer a nefaria importação de africanos, ha muito

fundamento na seguinte observação do Sr. Joaquim Nabuco em seu livro—*O abolicionismo* :

Se o que se fez em 1850 houvesse sido feito em 1844, não teria por certo havido *bill* Aberdeen. A questão nunca devêra ter sido collocada entre o Brazil e a Inglaterra, mas entre o Brazil com a Inglaterra de um lado, e o trafico do outro.

E' forçoso, porém, confessar que John Bull, fechando os olhos para os Estados-Unidos, e abrindo-os demais para o novo Imperio, foi fraco para com o forte e forte para com o fraco.

Em abono do pundonor brazileiro e do talento de Paranhos, ergueu-se energico e notabilissimo protesto resguardando os direitos da soberania nacional contra actos violentos dos cruzadores inglezes. Tem a memoravel data de 6 de Abril de 1856 a decorosa nota, dirigida pelo ministro dos negocios estrangeiros do Brazil a legação britannica, em resposta ás ameaças de que fôra orgão Mr. William Jermingham.

Esse documento diplomatico, a cuja nobreza de intenções e linguagem condigna fizeram justiça varios oradores da camara alta da Inglaterra, entre os quaes lord Malmesbury, foi redigido quando ainda fumegavam as ruinas da fortaleza de Paranaguá, desmantelada pelos canhões da orgulhosa rainha dos mares.

Depois de mostrar que não se devia só attribuir a abolição do trafico á vigilancia dos cruzadores inglezes, insufficientes para o extenso littoral do Brazil, nem ao

bill Aberdeen, que apenas autorizou violencias contra navios e subditos brazileiros apprehendidos em aguas territoriaes do Imperio, disse Paranhos :

Hoje, porém, que a paz da Europa se afigura possivel, o honrado Sr. Jermingham julga conveniente contestar os esforços do governo imperial, exprobrar-lhe frouxidão e ameaça-lo em nome do governo de S. M. Britannica com a execução do *bill* de 8 de Agosto de 1845.

A ameaça, que tão injusta se faz ao governo imperial, poderá servir para despertar a lembrança de que a Gran-Bretanha é uma nação mais forte do que o Brazil, e para significar que não duvidará usar, ainda sem motivo legitimo, do seu grande poder material; mas não poderá nem encobrir a sem-razão de semelhante procedimento, nem abalar a tranquilidade que ao governo imperial inspira a consciencia de sua dignidade e da inteireza de seus actos.

Em 1857 coube ainda ao Conselheiro Paranhos adherir aos quatro principios da declaração final do congresso de Pariz de 16 de Abril de 1856. Aceitando-os, manifestou o ministro brazileiro o desejo de vêr proclamada a abolição do direito de captura da propriedade privada no mar.

Eugène Couchy, no seu livro *Le droit maritime international*, cita o trecho da nota de 18 de Março, com a qual Paranhos formulou esta nobre aspiração do direito das gentes.

Entretanto na imprensa e no parlamento do nosso paiz levantaram-se algumas censuras contra a adhesão

do governo imperial ás novas maximas do congresso de Pariz. Entendiam que o Brazil deveria ter seguido o exemplo da União-Americana, para a qual, no pensar de taes censores, a conservação do direito de côrso — era medida mui licita e um meio conveniente de guerra.

Erronea apreciação. Querendo que o principio de propriedade particular inviolavel de um dos belligerantes no alto mar estivesse ao abrigo do direito maritimo contra os ataques dos cruzadores de guerra, os Estados-Unidos não sustentaram que seja a carta de côrso um recurso digno da civilisação actual.

Os inconvenientes resultantes para o Imperio, se outro fôsse o procedimento do ministro brazileiro, demonstrou-os Paranhos, na camara dos deputados, com a hypothese de uma guerra em que entrasse alguma das potencias signatarias do pacto de 30 de Março de 1856, ou qualquer das outras adherentes aos mesmos principios:

— As mercadorias brazileiras seriam bôa preza sob o pavilhão inimigo, as mercadorias inimigas não seriam protegidas, nem ficariam isentas sob o pavilhão brazileiro. Isto redundaria no sacrificio das vantagens da paz a um recurso de guerra para o Brazil, pobre de marinha mercante, e cuja exportação é quasi toda feita em navios estrangeiros.

Já nesse tempo o digno ministro dos negocios estrangeiros occupava-se interinamente da pasta da marinha, da qual passára para a da fazenda o Barão de

Cotegipe, em consequencia do lamentavel fallecimento do Marquez de Paraná, a 3 de Setembro de 1856.

O inclyto Marquez de Caxias, cuja espada feliz tanto pesou na balança politica, servindo por mais de meio seculo á independencia, á integridade e á desaffronta do Brazil, foi o successor do grande estadista mineiro na presidencia do conselho de ministros.

Em tão curta interinidade o ministro da marinha, sem descuidar-se, na outra pasta, de assumptos importantes da politica externa, ainda teve ensejo de levar a effeito a conclusão do dique da ilha das Cobras, de formular as reformas dos corpos de saude e de fazenda, trabalhos que foram adoptados pelo seu illustre successor no gabinete Olinda.

Dissolvido, a 4 de Maio de 1857, o primeiro ministerio da conciliação, o ex-ministro de estrangeiros e da marinha, empregando os recursos da sua adestrada palavra ao serviço de tão distincta pessoa, esteve sempre na tribuna, como deputado pelo 2° circulo da côrte, a defender, com o mesmo empenho, os seus actos e os dos seus collegas de administração.

Novas difficuldades, porém, sobrevinham, porque o governo do Paraguay, annullando de facto o tratado de 6 de Abril de 1856, submettia a navegação a regulamentos que impossibilitavam o commercio externo com a provincia de Matto-Grosso. Tudo prenunciava a guerra, porque o venerando Conselheiro José Maria do Amaral fôra obrigado a romper as negociações, depois

de mal succedido, em missão especial, o chefe de esquadra Ferreira de Oliveira.

O dictador do Paraguay, D. Carlos Lopez, augmentando suas tropas, mandava executar grandes obras de fortificação por engenheiros contratados na Europa.

Por sua parte o Brazil apercebia-se para a luta a que era infelizmente arrastado.

O gabinete Olinda, escolhendo acertadamente, porque ninguem melhor conhecia todas as questões desde o Prata ao Paraguay, conseguiu, após reiteradas instancias, que Paranhos aceitasse a missão especial de acabar de uma vez os regulamentos fluviaes promulgados pelo governo paraguayo, a despeito dos pactos vigentes, e resguardar a observancia do tratado de 1856.

O plenipotenciario brazileiro, depois de porfiada negociação com o ministro do exterior, D. Francisco Solano Lopez, mais tarde presidente da Republica e celeberrimo tyranno, alcançou firmar a verdadeira intelligencia das estipulações de 1856 na convenção de 12 de Fevereiro de 1858.

Com o livre transito para Matto-Grosso, franqueou-se então o rio Paraguay a todas as bandeiras do mundo. O feliz negociador foi cordialmente acolhido naquella provincia e depois na capital do Imperio, sendo tão relevantes serviços galardoados pelo Imperador com a dignitaria do Cruzeiro, e com a offerta das insignias dessa ordem, mediante enthusiastica subscripção promovida entre bahianos.

Alludindo á bem succedida missão, o erudito conselheiro Antonio Pereira Pinto, em seus *Apontamentos para o direito internacional*, escreveu entre outras palavras apologeticas o seguinte :

No meio dos nossos infortunios com o Paraguay desenha-se, com viço e brilhantismo, a phase que gerou o ajuste internacional, commettido ao talento do conselheiro Paranhos.

A convenção de 12 de Fevereiro resolveu satisfactoriamente todas as questões controvertidas. . . . . e, abrindo a mesma navegação do Paraguay ao commercio de todas as nações, honra as paginas de nossa historia diplomatica.

Ainda em homenagem a seus grandes prestimos, por occasião de se discutir no parlamento esse memoravel ajuste, ácerca do qual proferira, na camara temporaria, dous magnificos discursos elucidando todos os factos, Paranhos ouviu do Visconde de Maranguape, ministro de estrangeiros, estas palavras :

Se alguma gloria tenho, é do acêrto com que concorri para que esse digno plenipotenciario fôsse escolhido. O Sr. conselheiro Paranhos bem mereceu não só do governo, como de todo o Brazil.

Sobre taes elogios avultou o reconhecimento dos adversarios nesta honrosissima asseveração do deputado Francisco Octaviano :

O Sr. Paranhos livrou-nos da necessidade de uma guerra.

Além da missão junto ao governo paraguayo, o illustre diplomata, incumbido de negociações differentes nos Estados do Prata, conseguira não só celebrar com o general Urquiza o convenio de 20 de Novembro de 1857, regulando a navegação dos rios Uruguay, Paraná e Paraguay dentro das raias jurisdiccionaes da Confederação Argentina e da Republica Oriental, mas tambem subscrever, a 14 de Dezembro, dous ajustes importantes, um reconhecendo os limites daquelles paizes entre os rios Uruguay e Paraná, outro regulando a extradição de criminosos.

Quanto ao Estado Oriental, apezar das ponderações do seu representante, que declarára ser empenho de honra para o governo uruguayo a ratificação do accôrdo, foi este repellido pelo senado como desvantajoso á Republica.

Logo ao regressar á patria, foi nomeado Paranhos juntamente com o Visconde de Uruguay, afim de ajustar com os plenipotenciarios argentino e oriental, D. Luiz José de la Pena e D. André Lamas, o tratado definitivo de paz, que substituisse o accôrdo preliminar de 27 de Agosto de 1828.

Abertas as negociações a 6 de Novembro 1858, e depois de largas conferencias, assignaram os diplomatas brazileiros, a 2 de Janeiro de 1859, o pacto que não foi ratificado pelo general Urquiza, porque o governo imperial se recusára a auxilia-lo na empreza de submetter a provincia de Buenos-Ayres.

Quando occorreu esse facto, já o Conselheiro Paranhos havia occupado, até 12 de Dezembro de 1858, a presidencia da provincia do Rio de Janeiro, da qual se retirara para assumir, no ministerio presidido pelo Visconde de Abaeté, successor do Marquez de Olinda, a pasta dos negocios estrangeiros, em cujo desempenho realizou a reforma ainda hoje subsistente da secretaria de Estado, e que serviu de thema aos mais violentos ataques de alguns opposicionistas do senado.

Findando com o gabinete Olinda o dominio da politica denominada—conciliação— o ministerio Abaeté apoiou-se francamente nos conservadores. No parlamento brazileiro travou-se então renhida luta, que inflammava todos os animos pela celebre e palpitante questão bancaria, assumpto melindroso de graves consequencias, a proposito do qual se teria manifestado Paranhos em opposição ás medidas financeiras do gabinete de 4 de Maio de 1858, se não houvesse chegado do Rio da Prata já nos ultimos dias de sessão.

Crescendo a opposição, ao discutir-se o projecto de reforma dos estabelecimentos de credito, de accôrdo com as idéas de Robert Peel, e brilhantemente defendido por Salles Torres-Homem, tornou-se impossivel a continuação do ministerio, indisposto com uma parte do commercio, e sobretudo com os liberaes que, em ambas as camaras, faziam convergir todo o despeito partidario contra a pessoa do ministro de estrangeiros, qualificado de apostata.

Ainda uma vez falharam o alvo as settas hervadas de intolerantes adversarios, porque o aggredido, revestindo-se de tanta franqueza quanta circumspecção, argumentou com os factos da sua vida e com as seguintes palavras de Canning perante accusação identica:

Querem os meus adversarios que eu lhes diga quaes são hoje os meus principios? Eu satisfarei á pergunta, servindo-me das palavras de uma autoridade insuspeita e muito superior ás mediocridades, como eu sou. Eis o que disse Canning, *whig* distincto, tão liberal como devem ser os conservadores do Brazil, respondendo a igual accusação:

« Respondo a meus adversarios que o dever do homem de Estado consiste em manter-se entre os extremos, evitar assim as aberrações do despotismo, como a licença de uma liberdade sem freio; conciliar o poder com a liberdade; não entregar-se a experiencias afoutas ou a theorias nebulosas, mas exclarecer-se na direcção dos negocios com todas as luzes uteis e salutares, e adoptar todo o principio generoso e liberal com sabedoria e circumspecção. »

Releva ainda uma vez repetir que a luta dos partidos era menos pelos principios do que pelos homens, mais por nomes proprios do que por crenças tradicionaes; e se fôsse bem fundada a censura a quantos se têm dobrado ás progressivas exigencias do tempo e do meio, então iria ferir quasi todos os estadistas do mundo.

Succedem peiores cousas na actualidade, segundo o affirmam juizes competentes. Já não se mudam os rotulos; trocam-se os involucros, misturam-se e

corrompem-se as essencias, emquanto os bons entendedores, para os quaes a importancia da idéa politica se aquilata pela sua efficacia no organismo social, continuam a dizer que a verdade dos principios se realiza no trabalho dos grandes homens, ou com o atticismo latino *res non verba*.

Não admira que Paranhos mudasse politicamente de fórma; é admiravel que não mudasse de essencia, como tantos outros intitulados liberaes, que só valem... o titulo. Aquella victima generosa e inoffensiva de tantos peccadores, que lhe atiraram a pedra symbolica do socego de consciencia, disse uma vez, sorrindo na expansão da amizade, para certo cavalheiro seu admirador:

Embora me desconheçam e maldigam, continúo a ser liberal, só não tenho o perfume.

Fechado este parenthesis sem o minimo intuito de offender a ninguem, volvamo-nos para o gabinete de 12 de Agosto de 1859, presidido pelo conselheiro Ferraz, successor do Visconde de Abaeté, e que teve de arcar com a liga constitucional, composta de liberaes e conservadores moderados.

Habilmente dirigida a campanha opposicionista no suffragio das urnas, do qual resultou a quéda do ministerio, antes de abrir-se o parlamento, Paranhos, apresentando-se pelo municipio neutro, foi derrotado

(primeira vez e unica!) nas eleições geraes em Janeiro de 1861. A maioria dos eleitores o reputava candidato do governo, e, portanto, solidario com os erros d'este, cada vez mais antipathico ao commercio e ás classes inferiores, não só pelo novo regulamento do sello, mas por demissões em globo de operarios e empregados subalternos.

Entretanto o derrotado, longe de ser apologista ou amigo, tinha razão para fugir do presidente do conselho, o chefe da famosa patrulha contra a conciliação, o implacavel e corajoso accusador de Honorio Hermeto, e por isso mesmo naturalmente infenso a quem melhor defendesse a memoria ou os actos do estadista mineiro.

Mais tarde, porém, a provincia de Sergipe fez o que não pôde fazer a Bahia: compensou brilhantemente aquella derrota, enviando á camara temporaria, na vaga deixada pela escolha senatorial do Barão de Maroim, o amabilissimo Paranhos, o bahiano já conhecido em todo o Brazil, o brazileiro já respeitavel fóra da patria, o espirito accessivel a todos os assumptos, capaz de florir em qualquer atmosphera e de vencer as maiores contrariedades. Assim o representa, no mais expressivo quadro, um dos seus adversarios intransigentes, mas pintor verdadeiro, quando lhe copia os multiplos dotes no ministro da fazenda do gabinete organizado pelo Marquez de Caxias, a 2 de Março de 1861.

Para quem não o viu na tribuna, aos 40 annos, esvelto, de estatura elevada, de temperamento sanguineo, de suiças á ingleza, bem parecido e trajado, inalteravel, amenissimo, prazenteiro, conservando o viço juvenil no rosto coroado pela calva luzidia, seduzindo com a voz de sereia feras de casaca, respondendo a todos por tudo e a tudo por todos, revelando novas forças em novos conhecimentos e impondo-se á turba com os attractivos da sua palavra despretenciosa, lucida e correcta, basta reproduzir a seguinte apreciação, feita por mão de mestre:

O Sr. Paranhos nunca havia occupado essa pasta, nem mesmo tinha no parlamento interessado o seu talento nas renhidas discussões sobre a especialidade financeira.

Pouco importava isso. O talento de Paranhos é um talento real. Seu amòr ao estudo, sua rara applicação ao trabalho triumpham das maiores difficuldades. A sua vontade energica, desenvolvida ou instigada pela sua grande ambição, conseguiu de ha muito tyrannisar brilhantemente as suas faculdades, e com algumas horas de estudo o Sr. Paranhos habilita-se para tratar de qualquer questão.

Facil em improvisar, habil no manejo dos recursos parlamentares, imperturbavel em meio dos conflictos e traquejado em todos os assumptos da administração, sua resposta é sempre prompta e bem dirigida. Ao espectador que chegava á galeria da camara, a primeira figura que naturalmente attrahia a sua attenção era a de Paranhos. Seu porte é notavel, sua physionomia sympathica, sua presença distincta, seus ademanes cortezes e moderados. Sua fronte larga e expressiva, calva e bem contornada, derrama sòbre sua physionomia uma irradiação serena. Seus olhos, gazeos e pequenos, despedem raios frouxos, mas frequentes.

Tenaz no estudo e infatigavel no trabalho, quando é ministro é só ministro. Não se distrahe um momento das suas funcções, e dahi vem que nenhum dos chefes o dispensa, porque lhes allivia o peso dos cuidados.

Para confirmar a aptidão e serviços do novo ministro da fazenda, no qual já se annunciava um financeiro emprehendedor ao paiz cansado de vêr tanto guarda-livros do thesouro, consulte quem quizer, na collecção de leis, innumeras providencias tomadas afim de conciliar os interesses do Estado com os do commercio e dos contribuintes. Só assim, só com a razoavel interpretação que se deu á lei de 20 de Agosto de 1860, cessaria o desprazer dos negociantes exacerbados pelos regulamentos aduaneiros do ministro Ferraz.

Tomado de sorpresa por seus adversarios em uma votação da camara temporaria, a 24 de Maio de 1862, o gabinete Caxias deixou o poder ao ephemero gabinete Zacharias que, em 30 de Maio, foi succedido pelo Marquez de Olinda, então senhor do terreno e disposto com todos os elementos para assegurar definitivo triumpho ao partido progressista, constituido pela união dos liberaes com um grupo de conservadores dissidentes.

Quando se operou essa mudança politica, apparecia em lista triplice de eleição senatorial por Matto-Grosso o nome de Paranhos, que, só tendo perdido um voto nos collegios eleitoraes, foi merecidamente escolhido, a 26 de Novembro de 1862.

Dissolvida a camara no anno seguinte, o novo senador alistou-se na opposição para ser o fiel interprete dos seus correligionarios politicos. Quando em 1869 se reabriu o parlamento, as primeiras palavras do illustre opposicionista foram de cortez e moderado protesto contra o governo, occupando-se depois com os deveres e serviços do corpo diplomatico, em discurso tão notavel que mereceu as honras de ser impresso e distribuido em avulso, por ordem do ministro dos negocios estrangeiros. Não era possivel maior signal de apreço do que a vulgarisação dada pelo proprio adversario a tão precioso repositorio de preceitos e conhecimentos diplomaticos.

Não tardava, porém, que o eminente brazileiro, antepondo a tudo os reclamos da patria e cedendo, ainda uma vez, a instancias de adversarios politicos, tivesse de amargurar perante o estrangeiro a mais dolorosa prova de sua natural condescendencia e superioridade.

Se ha momentos em que o potentado mais cynico e predilecto da fortuna, colhido quasi em flagrante ou réo confesso da falta, sente de improviso escapar-lhe o terreno, impôr-se-lhe, pela primeira vez, a seriedade da vida, converter-se-lhe em longo espasmo a gargalhada habitual da galhofa, gravando-se-lhe para sempre no pensamento, com a concisão do ferro em braza, o *veredictum* dos contemporaneos;

ha horas que valem seculos, contados por silentes agonias na indole mais suave e no coração mais puro, quando o homem de bem, pungentemente offendido em seus maiores incentivos, encontra-se na dura nenecessidade de esconder com sorrisos os naturaes assomos de indignação contra o inesperado revez.

Tal foi o soffrimento de Paranhos, sorprendido pelo decreto de 3 de Março de 1865, que o exautorava dando por finda a sua missão, quando o emerito diplomata era o alvo de estrondosas demonstrações, pelo bom exito dos seus efficacissimos labores em honra do Brazil e em prol da humanidade. Contraste da sorte ou effeito insanavel da contingencia humana, aquelle acto de reprovação official attingia a pessoa do victorioso plenipotenciario, quando elle, resumindo no convidativo recinto do seu lar o hospitaleiro territorio da patria, congregava para um banquete, em homenagem ao anniversario natalicio de S. M. a Imperatriz, os altos funccionarios da Republica, o corpo diplomatico, almirantes europêos, generaes brazileiros, em summa a gente mais grada e tributaria da paz sem distincção de nacionalidades!

Durante a festa os convivas, já scientes do facto clamoroso, admiravam a serenidade inseparavel do ministro demittido, sobretudo quando elle saudou jubilosamente a virtuosissima consorte do Imperador, fazendo votos pela sua preciosa e exemplar existencia.

Felizmente alli mesmo, combatida entre o fundo

pezar e as exterioridades impostas a seu cargo, a illustre victima começou a receber lenitivos a tão acerba injustiça, em calorosas manifestações de apreço do povo de Montevidéo ao representante do Brazil, em notas de ministros das Republicas Oriental e Argentina, em cartas dos generaes Mitre e Flores, do almirante francez Chaigneau e de D. André Lamas, não esquecendo o inspirado brinde em que o legendario Osorio, no banquete de 14 de Março, appellou para o bom-senso de seus compatriotas, — porque todo o Brazil ainda havia de applaudir o convenio de 20 de Fevereiro. Demais o proprio offendido, recolhendo-se no fôro intimo da consciencia, e medindo-se pela estatura daquelles para quem o amor da gloria se acendra no infortunio, devia lembrar-se de identicas decepções, antigas ou modernas, de heróes do civismo esquecidos no exilio, no carcere, na indigencia e na morte; devia resignar-se com os exemplos de Aristides, Cimon, Themistocles, Scipião o Africano, Caio Gracho, Cicero, Dante, Camões, José Bonifacio e outros, em desaggravo dos quaes foi e será verdadeira a eloquentissima exprobração de Mirabeau á face da historia, quando exclamava:

Eu bem sei que o Capitolio não está longe da rocha Tarpéa.

Que fizera, entretanto, o magnanimo cidadão, o digno interprete dos direitos e aspirações nacionaes,

o triumphante obstaculo da guerra, para incorrer em desagrado tão patente do governo imperial?!

Antes de tudo volvamo-nos para as circumstancias em que o ministerio Furtado recorreu a Paranhos, comquanto fôsse este um dos chefes da opposição parlamentar.

Era gravissima a situação, na imminencia de uma guerra com o Estado Oriental. O governo legal de Montevidéo havia repellido os sete artigos do *ultimatum* Saraiva, dando assim logar ao começo de represalias.

Os *blancos*, impotentes contra o prestigio de Flôres, que dirigia a revolução desde 1862, estavam decididos a resistir ás justas reclamações do Brazil, e dispunham de certo apoio no corpo diplomatico estrangeiro.

O Paraguay arremessara, como um repto ao Imperio, a nota ameaçadora de 30 de Agosto de 1864.

Examinada a questão, á vista dos documentos officiaes, redigiu Paranhos dous memorandos, de que foram transumptos as instrucções dadas posteriormente pelo governo ao seu plenipotenciario. Este, ausentando-se da patria, podia repetir, como bem o recordou mais tarde, na camara vitalicia, as palavras do marechal de Villars a Luiz XIV:

> Senhor, vou combater os inimigos de Vossa Magestade e deixo-vos cercado dos meus.

Chegando ao Rio da Prata, quando o dictador do Paraguay rompia as hostilidades, com a apprehensão do

vapor *Marquez de Olinda*, e não tendo o governo imperial declarado a guerra, nem publicado manifesto ás potencias cultas, dirigiu Paranhos ao corpo diplomatico residente em Buenos-Ayres e Montevidéo a famosa nota circular de 26 de Janeiro de 1865, na qual se explicavam os justos motivos da attitude do Brazil. Para dar plena idéa da importancia desse documento, basta dizer que mereceu louvores do senador Zacharias, incapaz de lisonjas, sentinella imperterrita da lei e estrenuo defensor das conveniencias do Estado.

No desempenho de tão arduo mandato, reconhecendo o general Flôres como belligerante e alliado, dissipando prevenções da diplomacia estrangeira, impedindo a mediação argentina em favor do governo de Aguirre, e prevendo, com prophetica intuição, quantos obices encontraria o Brazil até vencer o despotismo de Lopez, o negociador brazileiro teve a fortuna de celebrar o honroso convenio de 20 de Fevereiro.

Não era possivel obter mais, evitando a effusão de sangue, impedindo outros damnos que trariam serios embaraços com o corpo diplomatico estrangeiro, e satisfazendo todas as reclamações do brio nacional, segundo o affirmou o chefe do exercito imperial e mais tarde o reconheceram adversarios implacaveis, levados pela primeira impressão dos boatos e pelo espirito de partido.

Dispondo apenas de 8,000 praças de todas as armas para atacar Montevideo, onde os blancos se entrincheiravam com 40 canhões e 4,000 soldados, promptos a

resistir a todo transe, o Brazil, graças a esse accôrdo, alcançou quanto poderia desejar, isto é, todas as reparações exigidas não só pelo *ultimatum* de 4 de Agosto, como pelos excessos praticados durante o governo de Aguirre; indemnisação pelos prejuizos da antiga guerra civil; a derrota dos inimigos que fugiam em debandada; a quéda do governo que insultára o Imperio; a ascensão de Flôres ao poder e a alliança com a Republica Oriental contra o governo do Paraguay.

E tudo isto foi retribuido com uma demissão violenta e humilhante, que deu causa a explosões de feio descontentamento popular, contra o qual vêm muito a pello os conceituosos versos de Porto-Alegre, quando verbera, no prologo do seu *Colombo*,

> ....o inconstante povo
> que na aurora em triumpho exalça um nome
> e após, no occaso, furioso o insulta;
> ebrio de amor n'um dia, em outro é de odio,
> e a estatua que adorou no lodo immerge!

Felizmente, dentro em pouco, operou-se reacção favoravel, surgindo, á luz da imprensa no *Jornal do Commercio* e no *Correio Mercantil*, vigorosos artigos que defendiam magistralmente o convenio, e profligavam a leviandade do governo. José Feliciano de Castilho, sob o pseudonymo *Epaminondas*, e Souza Ferreira, em um elegante opusculo, bateram-se galhardemente com os accusadores de Paranhos, entre os quaes avultava no *Diario*

do Rio Quintino Bocayuva, que mais tarde rendeu publica homenagem ao nobilissimo accusado. (*)

O principe actual dos jornalistas brazileiros não se envergonha de reconsiderar falsas apreciações, assim como não se nega á autoria da acerada critica—*Os nossos homens*.

Iniciada sob tão bons auspicios, não se fez esperar no parlamento a categorica justificação do insigne diplomata entre seus pares e juizes legitimos.

A 5 de Junho de 1865, em um discurso que durou 8 horas e cujo brilho não desmereceu com o entrar da noite no recinto da camara vitalicia, o invejavel e supposto

(*) Vem a pello recordar o banquete offerecido pelos representantes da imprensa do Brazil ao plenipotenciario do Chile, o distincto litterato e jornalista Guilherme Blest-Gana. Teve logar essa homenagem no dia 23 de Junho de 1876. A' hora opportuna, e sendo-lhe concedida a permissão, tomou a palavra o promotor da festa, Quintino Bocayuva, que disse o seguinte:

« Que a precedencia que lhe era concedida n'aquella occasião só se justificava por uma circumstancia: por ser elle apenas o annunciador, em nome dos seus collegas da imprensa, do nome do cavalheiro illustre a quem ia solicitar a honra de representar officialmente os jornalistas brazileiros naquelle festim. Que se se tratasse de dirigir apenas um brinde ao Sr. Blest-Gana, como cavalheiro e particular amigo, acharia facilmente a inspiração nos seus sentimentos de cordial affecto pela sua pessoa, mas, que tratando-se do diplomata, do representante illustre de um paiz cuja amizade é tão apreciada no Brazil, convinha que uma voz mais autorisada do que a sua fôsse a que exprimisse os sentimentos da imprensa e do Brazil inteiro. Essa voz autorisada era ainda a de um jornalista que, em posição eminente da sociedade, tinha o prestigio e a força necessaria para, atravez da distancia, ferir os écos de um nobre paiz que, embora pequeno territorialmente, tem por limites duas grandezas quasi incommensuraveis: a do Oceano Pacifico e da Cordilheira dos Andes. O orador concluiu pedindo ao illustre Visconde do Rio-Branco, seu antecessor e mestre no jornalismo, onde assentára os fundamentos da sua gloria pessoal, que se dignasse de ser o interpetre daquella reunião, para com o estimado conviva Blest-Gana.

Muitas das pessoas mais gradas do paiz assistiram ao banquete, que foi presidido pelo Barão de Cotegipe, então ministro d'Estado, a quem cabia tal honra, sendo como era o festim em obsequio a um diplomata com o qual o governo póde sempre tratar os assumptos de natureza politica nesse pé de cordialidade e franqueza, que deve ser o caracteristico da diplomacia americana.

O Visconde do Rio Branco, em maravilhoso improviso, correspondeu plenamente ao convite, levantando o brinde em honra a Blest-Gana e ao Chile sobre estas tres grandes idéas: luz, trabalho, paz.

réo, electrisando o areopago brazileiro com os lumes da palavra, e vencendo as prevenções mais frias com a exhibição de inconcussos documentos, foi absolvido pelos applausos quasi unanimes dos pais da patria. (*) O povo, que o esperava á porta do senado, rehabilitou-se da pecha de injusto, cobrindo de ovações o egregio compatricio, tão aggredido pela calumnia, quão firme na consciencia.

Não faltaram felicitações municipaes, pennas de honra e outras mostras de sympathia, sendo muito para notar que a camara dos deputados, quasi inteiramente composta de adversarios politicos de Paranhos, absteve-se de discutir a convenção de 20 de Fevereiro, e em sua grande maioria reparou, por signaes de apreço particulares, o procedimento do gabinete de 31 de Agosto.

O senado,congratulando-se com a corôa na resposta á falla do throno, pela pacificação da Republica Oriental, assim como pelo restabelecimento das relações do Imperio com aquelle paiz, assim se exprimiu:

O convenio de 20 de Fevereiro, conseguindo esses dous grandes fins e a elevação do general Flores, nosso fiel alliado, ao cargo de governo provisorio da mesma Republica, completou

---

(*) Esse brilhantissimo discurso, que bastaria para dar foros de completo parlamentar e diplomata no paiz mais importante do mundo culto, foi impresso em avulso com todos os documentos e um prefacio magistral. O precioso folheto, que serviu de titulo para admissão do Visconde do Rio-Branco á Academia Real das Sciencias de Lisboa, traz o seguinte frontespicio: « A convenção de 20 de Fevereiro demonstrada á luz dos debates do Senado e dos successos de Uruguayana pór José Maria da Silva Paranhos. Rio de Janeiro 1865. »

Não poderá haver melhor subsidio para os conscienciosos historiadores do Brazil acerca de tão interessante assumpto diplomatico.

a nossa campanha no Estado Oriental, estipulando a satisfação de nossas justas reclamações, e garantindo a permanencia das bôas relações que, com vantagem reciproca, devem reinar entre os dous povos.

Distinctos senadores, entre os quaes o Visconde de S. Vicente e o Barão de Itaúna, defenderam com ardor o convenio. Quanto á demissão, foi acremente censurada pelo conselheiro Zacharias, que a qualificou de anti-diplomatica e desairosa, chegando a dizer:

Se a diplomacia calça luva de pellica, não é para descarregar mão de ferro em um cidadão illustrado e cheio de serviços.

O Barão de S. Lourenço, lembrando uma exclamação de Chateaubriand, ao ser demittido com a mesma rudeza, quando o diplomata francez disse — *Ingratidão, teu nome é diplomacia* — observou a Paranhos que esse nome podia ser substituido pela palavra—*politica*. E de facto, porque o unico erro do veneravel autor do convenio foi, segundo o affirmam juizes competentes, não contar com o ciume da rivalidade que solicita os desastres, nem com o interesse partidario que conspira para o mallogro de nobres emprezas.

De 1865 a 1868 o distinctissimo bahiano manteve-se em franca opposição no parlamento, sem faltar

ao seu dever nas reuniões do conselho de Estado, para o qual o nomearam, em 1866, seus proprios adversarios.

Preoccupavam então o espirito publico os successos da campanha do Paraguay, essa luta estupenda, que parecêra facilima a improvisados ou noviços estadistas, e durou cinco annos, tornando-se o sorvedouro de 100,000 brazileiros e de 600,000:000$. Frustrados os planos de Lopez, na attitude offensiva *terra marique*, pela esplendida victoria de Riachuelo e pela rendição das forças de Estigarribia em Uruguayana, desfecho este que muito dependeu da presença do Imperador, as operações militares subsequentes, não obstante o desbarato do exercito paraguayo na batalha de 24 de Maio e a tomada de Curuzú em 3 de Setembro de 1866, aconselharam ao governo imperial, após o revez dos alliados em Curupaity, a unidade de acção em um chefe prestigioso, capaz de extinguir, no theatro da guerra, as rivalidades existentes entre os generaes brazileiros.

O gabinete Zacharias, reconhecendo emfim que não se tratava de uma questão de partido, mas do interesse nacional, confiou ao Marquez de Caxias o supremo commando das forças em campanha e substituiu na esquadra o Visconde de Tamandaré pelo Conselheiro Joaquim José Ignacio. Realizaram-se assim as nomeações lembradas pelo senador Paranhos, que, firme no seu posto de opposicionista, não tardou a assumir a pasta de estrangeiros no gabinete organizado pelo Visconde

de Itaborahy, a 16 de Julho de 1868, quando os progressistas, enfraquecidos em discordias intestinas e conscios dos embaraços financeiros, deixaram de ser governo, por uma questão da exclusiva competencia do poder moderador.

Firmados os conservadores na opinião publica e bem dirigida a campanha do Paraguay, onde a afortunada pericia de Caxias, depois da triumphante passagem da esquadra e da occupação de Humaytá, encaminhara o exercito de victoria em victoria até Assumpção, pareceu de muito acerto á politica imperial organizar naquella cidade um governo provisorio, composto de paraguayos que fôssem auxiliares da triplice alliança no mais patente desmentido a imaginosos planos de conquista.

Incumbido de tão importante missão, o ministro de Estrangeiros, deixando interinamente a pasta ao seu collega da Marinha, seguiu, em Fevereiro de 1869, para o Rio da Prata, donde então se recolhia enfermo ao Brazil o Duque de Caxias, a quem dignamente succedeu no commando das forças imperiaes Sua Alteza o Sr. Conde d'Eu, brazileiro de coração e joven militar, a cujos leaes serviços muito deve sua patria adoptiva, tão felicitada pelo acabamento da guerra.

Inteirando-se de tudo na capital do Paraguay, depois de influir efficazmente nos preparativos da campanha das Cordilheiras, o incansavel Paranhos regressou a Buenos-Ayres, para firmar com os representantes das

potencias alliadas um accordo atinente á organização do governo provisorio; celebrou em seguida com este o ajuste preliminar da paz; attendeu a numerosos serviços diplomaticos, administrativos e militares, e quando não fôsse, como disse alguem, o vice-rei do Paraguay, manteve-se em Assumpção, como intermediario principal dos esforços do Imperio, angariando sympathias em prol do Brazil, salvando da crise de fome o exercito, emquanto Sua Alteza se internava pelos desertos e matas no encalço do fugitivo despota. Dest'arte a logica e o bom senso do estadista, ajudando á bravura e á pericia do general, cooperaram efficazmente para a terminação da luta.

Emquanto a posteridade não verifica se com a suppresão de um homem abriu-se espaço a uma nação, é fóra de duvida que, pelo successo tão decisivo quanto inevitavel de Aquidaban, livrou-se o Brazil do seu mais rancoroso inimigo, desaffrontou-se a civilisação e redimiu-se o Paraguay de um senhorio atroz.

Honra, pois, ao perspicuo diplomata que, sem deslustrar as armas da diplomacia e bem correspondendo á perseverança do seu soberano identificado com os brios nacionaes, tanto serviu á conclusão de uma guerra, calamitosa para vencedores e vencidos.

Tão valiosos prestimos, reconhecidos com o louvor do Principe, fôram devidamente recompensados pelo governo, quando ao voltar á patria, recebeu Paranhos a nomeação de conselheiro de Estado ordinario e no titulo de Visconde do Rio-Branco as honras de grande do

Imperio. Em taes provas de gratidão a munificencia da corôa se confundia com o applauso do povo.

Muitos cidadãos distinctos, juntamente com a maioria das duas camaras, offerecêram ao eximio diplomata as insignias de dignitario do Cruzeiro, cravejadas de brilhantes.

Na mesma occasião, o gabinete presidido pelo Marquez de S. Vicente encarregou-o de celebrar os ajustes definitivos de paz. Ja se occupava dessa missão, tendo concluido, em Buenos-Ayres, com os Drs. Adolpho Rodrigues e Carlos Tejedor o accôrdo prévio entre os alliados, quando, em Fevereiro de 1871, recebeu ordem de S. M. o Imperador para vir organizar o ministerio que devia succeder ao de 29 de Setembro de 1870.

Chegando á côrte no dia 20 de Fevereiro, (notavel coincidencia!) e tendo de lutar com os obices de uma organização ministerial na ausencia das camaras, o Visconde de Rio-Branco só resolveu aceitar o difficilimo encargo, quando contou com o pleno apoio dos seus principaes amigos politicos e ante a resolução inabalavel do Marquez de S. Vicente em deixar o poder. (*)

Bastariam os serviços que ahi vão rememorados

(*) O gabinete ficou assim organizado: Presidente no conselho, ministro da guerra e interino da fazenda, o senador Visconde do Rio-Branco; ministro do Imperio, o deputado, hoje senador, João Alfredo Corrêa de Oliveira; da justiça, o senador Sayão Lobato, hoje Visconde de Nitherohy; dos negocios estrangeiros, o deputado, hoje senador, Manoel Francisco Corrêa; da marinha, o deputado Manoel Antonio Duarte de Azevedo; da agricultura, o deputado Theodoro Machda Freire Pereira da Silva. Pouco depois completou-se o ministerio, entrando para a pasta da guerra o Senador Domingos Jaguaribe e ficando effectivamente na da fazenda o Visconde do Rio-Branco. Mais tarde, retirando-se os senadores Visconde de Nitherohy e Jaguaribe, e os deputados Corrêa e Theodoro da Silva, passou a ser ministro da justiça o deputado Duarte de

para darem nome a qualquer estadista. Maiores conquistas, porém, esperavam o magnanimo patriota, para que elle entrasse vivo na gloria com o titulo de bemfeitor da humanidade.

Ei-lo no periodo mais importante da sua vida publica, á frente do gabinete de 7 de Março, e occupando junto do throno o primeiro cargo da monarchia representativa.

Para dizer quanto fez Rio-Branco, exemplo e orgulho dos seus dignos collegas, dividido por todas as funcções administrativas, pondo á mais dura prova potentissimas faculdades, basta resumir a historia desse ministerio superior a todos os outros na longura da vida, na resistencia a incessantes ataques, no empenho proporcional á crescente importancia de multiplos negocios, em summa, na lucida intuição dos magnos destinos de uma patria inteiramente livre e feliz.

Os senões, de que não pôde isentar-se tanta diligencia e actividade, somem-se no immenso brilho de factos,

---

Azevedo e entráram o senador Joaquim Delfino Ribeiro da Luz para a pasta da marinha, o senador Visconde de Itaúna para a da agricultura, o deputado, hoje senador Oliveira Junqueira, para a da guerra e o senador Visconde de Caravellas para a de estrangeiros. Fallecido o Visconde de Itaúna, succedeu-lhe na pasta da agricultura o senador Barros Barreto, que, retirando-se por doente, deu logar á entrada do deputado José Fernandes da Costa Pereira. Abstrahindo das transferencias, ha treze nomes de senadores e deputados que representam o gabinete de 7 de Março, dos quaes só tres figuram desde a organisação até a retirada do gabinete. O senador João Alfredo, porém, que já pertencia ao ministerio de 29 de Setembro de 1870, esteve no poder quasi cinco annos, facto de que não ha outro exemplo no Brazil.

E' justo confessar que S. Ex., revelando-se logo estadista, occupou bem o seu tempo, sobretudo em assumptos da instrucção publica.

em honra dos quaes o melhor elogio se exprime pela confissão de adversarios. Sirva de exemplo o que ainda ha pouco se ouviu na camara temporaria, onde, pela nobre franqueza de um representante de Minas, a administração de Rio-Branco, em confronto com a de seus detractores, foi equiparada a uma palmeira frondosa entre fetos arborescentes. (*)

Não desanime, porém, a vaidade que faz de Thersites o terror de Achilles, de Zoilo o rival de Homero, de Eschines o egual a Demosthenes.

Antes de pôr em relevo os grandes meritos do gabinete de 7 de Março, não seria difficil responder com vantagem a quantos pessimistas o accusam de ter augmentado consideravelmente os dispendios publicos. Para não ir muito longe, cinja-se a defesa ás seguintes ponderações:

Que o progresso material de uma joven nação depende essencialmente do emprego de muito dinheiro; que nos paizes melhor constituidos, de superabundantes capitaes e da maior iniciativa particular, nem por isso diminuem as obrigações do erario com todos os meios governativos de engrandecimento nacional; que o Estado não é o avaro a recolher thesouros para os sepultar comsigo no desmoronamento de immundo casebre; que mais vale despender para abrir fontes de

(*) O Sr. Dr. Antonio Felicio dos Santos, em seu positivo e consciencioso discurso, proferido a 16 de Agosto deste anno, assim se manisfestou referindo-se a palavras e actos de Rio-Branco.

riqueza do que economisar supprimindo ou evitando serviços productivos; que é contraproducente a panacéa dos emprestimos, dos impostos e do papel moeda, quando o restaurador das finanças não cogita do augmento da renda, pelo auxilio indirecto, mas essencial, a novos factores da producção; que, pelo accrescimo de taes despezas, ascendeu annualmente a receita; que não houve prodigalidade em melhorar os recursos de subsistencia da magistratura, dos funccionarios de fazenda, da classe docente e dos militares; que a opposição parlamentar foi solidaria com o ministerio em tão justas melhoras; e que, finalmente, se muito ouro absorveram os aprestos do exercito e da armada, hoje ainda é forçoso gastar para o mesmo fim, como naquelle tempo, ante os vaticinios de quantas Cassandras exhortavam o governo a aprender no triste exemplo de 1864, não se deixando apanhar desapercebido na imminencia de uma guerra externa.

O gabinete de 7 de Março de 1871 teve duas phases distinctas em sua larga existencia, terminando a primeira com a dissolução da camara temporaria, em 1872, e estendendo-se a segunda até Junho de 1875.

Na primeira phase destaca-se a grande campanha parlamentar, que deu á historia patria glorioso monumento com a lei emancipadora. Tambem pertence a esse curto periodo a importante reforma judiciaria, promulgada a 20 de Setembro.

Por ser a de maior alcance e pelos ingentes obstaculos que superou, não desmerecerá em ultimo logar,

constituindo objecto de mais detida apreciação, a reforma do elemento servil.

Quanto á lei que reformou o processo civil e criminal, separando a policia da judicatura, esse melhoramento veio consagrar na legislação patria nobres idéas e justas aspirações do espirito publico. Se o beneficio foi incompleto, porque a administração de justiça ainda funcciona em systema complicado e embaraçoso, tal deficiencia não desvirtua o decreto que instituiu a fiança provisoria e ampliou a garantia do *habeas-corpus*, firmando a competencia dos tribunaes para concede-la preventivamente, para dá-la em casos de prisão administrativa e para oppô-la ao recrutamento. Complemento salutarissimo dessa reforma, a creação de sete tribunaes de 2ª instancia, estreitando os limites territoriaes da competencia, apressou o desenlace de todas as questões que interessam á honra, á vida e á propriedade.

Augmentada a dissidencia conservadora com a adhesão de alguns descontentes do governo, o Visconde do Rio-Branco, ante as formidaveis aggressões de tantos co-religionarios, viu-se obrigado a dissolver a camara, a 22 de Maio de 1872, e, victorioso na resposta das urnas, emprehendeu, em larga escala, melhoramentos de ordem civil, politica e material.

Realizaram-se então duas reformas completas, a da guarda nacional e a do recrutamento, porque attingiram o verdadeiro escopo, isto é, libertar o cidadão de vexames da antiga milicia civica, instituida em 1850, e

da barbara caçada de homens, hediondo recurso de cabalas eleitoraes e opprobrioso disfarce dos grandes contra a firmeza dos pequenos.

A instrucção publica em todos os gráos recebeu louvavel impulso na capital e nas provincias, comquanto não se effectuassem reformas fundamentaes, de que ainda hoje carece tanto o paiz. A transformação da antiga escola militar em escola polytechnica, a fundação do asylo dos meninos desvalidos, o augmento de aulas da ensino primario na côrte, bem como a construcção de varios edificios para escolas populares, foram providencias tão dignas de apreço, quão significativas de interesse verdadeiro e real pelo incremento dos mais proficuos meios de engrandecer a patria.

Releva não esquecer um decreto apparentemente diminuto, mas avultado em sua doutrina, isto é, a constituição de juntas provinciaes, como delegações da directoria de instrucção primaria e secundaria do municipio neutro, com o fim de procederem a exames preparatorios, aceitos para a matricula de qualquer dos estabelecimentos de ensino superior do Imperio. É pena que esse inicio de auspiciosa descentralisação não se definisse mais amplamente em acto legislativo. Entretanto, força é dize-lo, as administrações posteriores não adiantaram um passo em sentido tão vantajoso, quer para as conquistas universaes do ensino, quer para o desenvolvimento das provincias, tolhidas pela excessiva influencia do governo geral.

Mereceu especiaes cuidados outro assumpto importantissimo. Organizou-se e teve execução o recenseamento geral do Imperio. Este utilissimo empenho determinou a creação da directoria geral de estatistica, imprescindivel em um paiz com fôros de culto, porquanto sem a lição eloquentissima dos algarismos, pelos quaes se governa o mundo, e sem o cómputo exacto de todos os seus elementos de força em parallelo com as causas de fraqueza, não ha povo que se adiante e prospere. Desgraçadamente, em 1880, foi quasi suppressa, a pretexto de economia, aquella já preveitosa repartição, dando-se assim tristissima idéa do atrazo brazileiro.

Com a reorganização das secretarias da agricultura e do imperio, da bibliotheca nacional, do archivo publico, do instituto dos surdos-mudos, da caixa de amortisação, da caixa economica e monte de soccorro na capital, sem esquecer a fundação de instituições congeneres nas provincias, dos arsenaes de guerra, do corpo de engenheiros militares e de outras classes ou dependencias do exercito e da armada, o ministerio de 7 de Março imprimiu em todo o paiz o cunho de sua efficacissima actividade, expedindo regulamentos (*) para definir, methodisar,

(*) Regulamentos: para a casa da moeda; para a marinha mercante nacional e industria de construcção naval; para cobrança de armazenagem e taxas de embarque nas alfandegas e mesas de rendas; para concessão e exploração de terrenos diamantinos; para o registro civil; para as appellações e aggravos; para cobrança de custas judiciaes; para o curso de infantaria e cavallaria do Rio-Grande do Sul; para a escola de tiro do Campo-Grande; para disciplinar o exercito em tempo de paz; para o corpo ecclesiastico do exercito; para promoções na armada; para os arsenaes de marinha; para venda de terras devolutas nas provincias limitrophes, etc., etc.

estender e recompor serviços dependentes da iniciativa, intervenção, vigilancia ou plena competencia do poder executivo.

Não foi desattendida a hygiene do Rio de Janeiro, ainda hoje tão exposto a flagelladoras visitas do typho americano. Basta lembrar o grandioso projecto de abastecimento d'agua á capital, bem como o estudo para o esgoto das aguas pluviaes, a fundação do novo matadouro em Santa Cruz e a transformação do velho campo de Sant'Anna em bellissimo e recreiativo jardim. De par com a iniciativa de taes meios sanitarios, é justo recordar a construcção dos actuaes edificios da typographia nacional, do correio e da secretaria da agricultura, obras architectonicas indispensaveis para a administração que honrou as bellas-artes, patrocinando ou reconhecendo os meritos de Carlos Gomes, de Victor Meirelles e de Pedro Americo.

Tendo sempre em mira a transição economica, inevitavel para o Brazil, pelo facto de converter-se, com o desapparecimento da escravatura, a grande lavoura em pequenas propriedades, florescentes na divisão do trabalho, empenhou-se o ministerio emancipador em fomentar o progresso das industrias, mediante um completo systema de communicações imprescindiveis á continua affluencia de proveitosa immigração européa, e ao facil transporte de productos do paiz, tão sacrificado pela enormidade das distancias.

Nesse patriotico intuito promulgou-se a lei de 1873

autorizando a garantir 7 % de juros, até o capital de 100.000:000$, a ferro-vias provinciaes; concederam-se taes favores a oito estradas de ferro em direcção aos centros industriosos e para apropinquar do littoral os municipios mais distantes nas provincias do Paraná, de Minas-Geraes, do Rio de Janeiro, da Parahyba, do Rio-Grande do Norte e do Ceará, das quaes algumas ja estão concluidas e outras proximas de conclusão; activou-se o prolongamento das linhas ferreas de Pedro II, de S. Paulo, da Bahia e de Pernambuco; foi decretado o caminho de ferro do Rio-Grande do Sul, duplamente util em seus fins commerciaes e estrategicos; desenvolveu-se consideravelmente pelo interior a rêde telegraphica; estendeu-se ao sul do Imperio e melhorou ao norte a navegação por vapor; assentou-se o cabo transatlantico; o insigne engenheiro Hawkshaw veio estudar o melhoramento dos portos; facilitou-se o credito hypothecario em vasta zona productiva, e entráram, no decurso de cinco annos, mais de 100,000 immigrantes, povoando-se territorio importante da provincia do Espirito-Santo, crescendo os nucleos coloniaes da de Santa Catharina e creando-se alguns na do Paraná.

A quantos lamentam o ouro despendido com esses estrangeiros é justo responder: Quando escassêa a immigração espontanea, antes gastar dinheiro attrahindo correntes immigratorias capazes de inocular sangue forte, energico e generoso na circulação do Brazil, do que perder tempo com ajustes diplomaticos para introduzir

trabalhadores chinezes, elemento pernicioso e repugnante a todas as nações cultas do mundo. O Imperio Americano já está cheio de negros, vermelhos e amarellos. Venham mais brancos melhorar as raças existentes no paiz, cruzando-se com ellas, radicando os seus haveres, perpetuando-se nos vinculos da familia, em vez de viciar-se ainda mais a sociedade brazileira com gente corrupta, debil e inimiga da raça branca. Querer o chim como succedaneo do africano é sahir de Scilla para entrar em Carybdes. Se isto ha de succeder, fiquemos com o pouco que possuimos, aproveitando os manumittidos e ingenuos em nucleos de colonisação nacional.

De todos os seus actos de utilidade material evidencia-se que o criterio administrativo do gabinete de 7 de Março revelou-se pela altura da intenção, onde não pôde confirmar-se pela magnificencia da execução.

Pertence tambem a esse periodo activissimo a celebre questão religiosa, originada pelo proceder dos bispos de Olinda e do Pará, os quaes independentemente do *placet* constitucional, fizeram rigorosa applicação de breves pontificios, contrarios á maçonaria, lançando interdictos sobre irmandades em que se contavam individuos filiados naquella instituição.

Interposto o recurso pelo procurador da corôa de Pernambuco e provido pelo conselho d'Estado pleno, de accordo com o importantissimo parecer da secção dos negocios do Imperio, cujo relator foi o preclaro

Visconde de Bom Retiro, desobedeceram os dous prelados, um após outro, á decisão do poder competente, exprimindo-se D. Vital, no ardor enthusiastico de sua crença e de sua juventude, em termos da maior energia contra o beneplacito estatuido na lei fundamental do paiz. (*)

Travada a luta, por motivo de tão formal desobediencia, sujeitos a processo e mais tarde conduzidos perante o supremo tribunal de justiça, tiveram de cumprir sentença os dous principes da Igreja, sendo-lhes commutada em prisão simples a pena severa que lhes era imposta pelo codigo criminal.

Entretanto, desejoso de empregar todos os meios prudentes, compativeis com a dignidade da soberania nacional, o ministerio procurou conseguir do Summo Pontifice providencias que terminassem a contenda, e de facto, por intermedio do Barão de Penedo, a quem incumbiu extra-diplomaticamente dessa particular missão, alcançou de Sua Santidade uma carta ordenando a cessação dos interdictos.

Sem effeito a ordem pontificia, naturalmente porque alguem escreveu ao Papa, annunciando-lhe a condemnação e encarceramento dos bispos, emquanto os governadores das respectivas dioceses proseguiam no mesmo desacato ás leis temporaes, tentou de novo o

(*) A consulta do conselho d'Estado pleno, divergindo do parecer da secção dos negocios do Imperio sómente na parte que julgava já não ser possivel a applicação das temporalidades, considerou-as vigentes, de accordo com a opinião do conselheiro Nabuco.

gabinete Rio-Branco dissipar as prevenções de Pio IX, antes de recorrer a medidas mais energicas, não só repugnantes aos principios orthodoxos do ministerio, mas tambem gravissimas pelas funestas consequencias de uma luta religiosa, que já começava a turbar a paz da familia no fôro inviolavel da consciencia.

Firme o governo imperial na idéa de não ceder dos seus direitos, appellava para o criterio do Santo Padre, emquanto o Vaticano exigia na liberdade dos bispos a condição para o levantamento dos interdictos. Estavam as cousas neste ponto quando o ministerio, por outras causas, entendeu resignar o poder.

Criticos apaixonados atrevem-se hoje a dizer que, emquanto D. Vital procedia com a sublime audacia dos heróes antigos, a magistratura era subserviente e o governo esbarrava em uma vereda sem sahida. Só o tempo, com a sua acção calmante nas idéas, permittirá apreciar devidamente os actos do Visconde do Rio-Branco e dos seus dignos collegas, reconhecendo por um lado a firmeza com que se mantiveram no terreno legal, e por outro lado a moderação que guardaram na luta, quando os prelados, tão anti-patriotas e desobedientes, quão ricos de talento e illustração, foram submettidos á competencia de um tribunal, composto, em grande parte, de magistrados adversos aos principios politicos do ministerio. E consta que este, pouco antes do julgamento, querendo excluir a minima suspeita de influencia partidaria nos venerandos juizes, ou para não sujeitar-se a consequencias

da impunidade episcopal, pediu demissão que lhe foi recusada pela Corôa.

Não, não houve tibieza, nem odiosa exorbitancia do governo, incapaz de offender anciãos togados.

Houve, pelo contrario, o proposito de não alterar o pio fervor de um povo catholico, pela adopção de providencias mais graves e aliás proficuas, taes como o casamento civil, a secularisação dos cemiterios e outras, apregoadas e pedidas com a maior franqueza, quer na imprensa, quer no parlamento.

O ministerio teria sido fraco e inconsequente, se depois se conformasse com a amnistia dos bispos, sem assentar em bases mais seguras as relações da Igreja e do Estado, sem prevenir maiores embates dos ministros do altar com os do throno, sem empecer novos abusos da tyrannia clerical. Pelo contrario, o gabinete de 7 de Março resistiu, em nome da civilisação, a uma força perigosissima que, em nome de Christo, sorrateiramente introduzindo-se nas consciencias e afrouxando os laços da familia, sabe cavar abysmos entre a razão e a fé, sabe crescer quando a nação definha, quando em vez de elevar e nutrir as tendencias progressivas do povo, o espirito religioso mutila, amesquinha, embrutece e degrada a natureza humana.

Demais, não foi o governo quem promoveu o conflicto, provocaram-o os dous prelados, a pretexto da incompatibilidade, aliás inoffensiva, de homens que usavam de opa durante o dia e de avental durante a noite. Pouco

importaria a questão, se apenas consistisse em mandar despir aos maçons o balandrau. Tinha, porém, muito maior alcance a imposição prelaticia. Attribuindo á maçonaria brazileira sinistros fins de heresia e solidariedade com associações secretas que atacaram o poder temporal do papa, os dous bispos rebeldes, ardentes de zelo ecclessiastico e impassiveis aos reclamos da patria, *urbi et orbi* fallavam, sem vêr que accendiam, com o fogo da palavra sagrada, a revolta da ignorancia, da superstição e do fanatismo, tremendos factores da mais horrivel desorganisação social.

Comprehendendo que ha um meio termo entre Voltaire e Torquemada, entre o Marquez de Pombal e o Santo Officio, entre as faltas do máo catholico e os excessos do padre intolerante, o Visconde do Rio-Branco esteve sempre na altura de estadista christão, sem faltar aos deveres para com a religião, nem ás obrigações para com a patria.

Se quanto aos negocios internos levantaram-se tão sérias difficuldades para o gabinete de 7 de Março, tambem muito lhe coube resistir e acautelar, em relação á politica externa, salvaguardando os interesses futuros do paiz.

Taes embaraços e lutas, habilmente travadas no terreno diplomatico, referiam-se aos ajustes finaes da alliança de 1865 com as Republicas do Prata, em termos que, evitando para o Imperio a guerra com um dos alliados, garantissem ao mesmo tempo a integridade do territorio paraguayo.

Resolvêra o plenipotenciario brazileiro, o senador Barão de Cotegipe, ante as manobras da diplomacia platina para conseguir a almejada conquista da Villa Occidental, fronteira á capital do Paraguay, celebrar á parte o tratado definitivo de paz entre o Brazil e a nação vencida. Contra este proceder, justificado pela força maior das circumstancias, ergueu o governo argentino violenta reclamação, quasi excedendo o ministro Tejedor, nos primeiros impetos, os limites das conveniencias diplomaticas e levando as cousas até muito perto de formal rompimento.

Respondeu-lhe o governo imperial com a nota de 20 de Junho de 1872, digna de figurar entre as peças mais brilhantes da diplomacia moderna. Seguiram-se a essa energica resposta honrosas explicações por parte do governo argentino, e a missão Mitre, da qual proveio o accôrdo de 19 de Novembro, em que representou o Brazil o illustre Marquez de S. Vicente.

Frustrados os planos de ajustes definitivos da Confederação com o Paraguay, renovaram-se as negociações na capital do Imperio em 1875, para as quaes veio diplomaticamente investido o ex-ministro Tejedor. O tino superior de que deu provas o presidente do conselho nas respectivas conferencias, a firmeza e seguridade que o animaram, no intuito de inutilisar infundadas pretenções nocivas ao Paraguay e ao Brazil, suggeriram ao mallogrado plenipotenciario argentino o extremo recurso de pactuar *ad referendum*, exclusivamente com o

representante daquella Republica, retirando-se, acto continuo, com o tratado satisfactorio a seus fins, isto é, a incorporação do pretendido terreno.

Sciente do facto, o governo paraguayo reprovou de prompto o procedimento do seu plenipotenciario, que foi demittido a bem da causa publica.

Chegaram, afinal, as potencias contratantes ao razoavel accôrdo proposto pelo Brazil, celebrando-se em Buenos-Ayres o tratado definitivo com o Paraguay, em virtude do qual foi sujeita a arbitramento a questão relativa á Villa Occidental.

Desse arbitramento resultou decisão favoravel ao Paraguay, que assim pôde conservar, graças á nobre interferencia do governo brazileiro, um territorio tão importante a todos os respeitos, sobretudo quanto á segurança externa daquella republica.

Em tão brilhante resultado teve parte principal o Visconde do Rio-Branco. Aos seus talentos, tacto diplomatico e patriotica energia deve o Brazil tão honrosa pagina de sua historia, e o Paraguay esse valiosissimo serviço.

Após quatro annos e tres mezes de incalculaveis fadigas em prol do engrandecimento nacional, quando estava prestes a ser adoptado pelo parlamento o projecto de reforma eleitoral, e novos projectos iam entrar em discussão, completando a grande obra de exemplarissimo empenho, o preclaro estadista e seus collegas resolvêram retirar-se do governo.

Contribuiu muito para esta resolução o desgosto

proveniente do mallogro de uma operação financeira, effectuada com o estabelecimento bancario de um cidadão, cujo nome figura gloriosamente na iniciativa de quasi todos os progressos materiaes do paiz, e cujo desinteresse patriotico acudiu e valeu a mais de um ministro da fazenda em apuros com urgentissimos compromissos do Estado na praça de Londres. E' grato reconhecer,e a imprensa o affirmou, que, na discussão parlamentar de tão melindroso assumpto, foi a probidade intacta de Rio-Branco o mais forte argumento do seu partido, sem nunca esfriar para com o presidente do conselho a sympathia publica.

Poucos dias antes de tomar as redeas do governo o duque de Caxias, a camara temporaria, votando o projecto de resposta á falla do throno, exprimira-se em termos da mais enthusiastica adhesão ao gabinete Rio-Branco, e na hora extrema, ante peremptoria declaração, por parte de todos os ministros, de que lhes era impossivel continuar, o Chefe do Estado fez vêr que elles se retiravam com a plenitude da sua confiança.

Isto posto, o ministerio de 7 de Março não cahiu, desceu voluntariamente do poder.

E quando cahisse, pela força das vicissitudes politicas ou pelo cansaço proveniente de tantos labores, já era inabalabel na gratidão nacional e credor da posteridade o prestantissimo estadista, que ascendêra ao fastigio da gloria com a lei de 28 de Setembro de 1871.

A' primeira vista parecerá uma offensa ao espirito publico a rememoração de factos para sempre gravados na memoria do povo.

Entretanto não é essim, porque o decurso de doze annos tem amortecido a lembrança de homens sensatos e vai autorizando os desvarios de quem tente reduzir, de subito, o Brazil a uma fogueira para cozer o ovo de sua popularidade.

Hoje, ante o açodamento do abolicionismo, prompto a desultrajar, a todo transe, a natureza humana mutilada no escravo, e ante a lentidão do governo, absorto a defender na ordem social e na riqueza publica os direitos da mais repugnante propriedade, todos ou quasi todos ainda reconhecem que a reforma do elemento servil *foi um passo de gigante dado pelo paiz, e que o principio fundamental, em que ella assenta, basta para fazer dessa lei o primeiro acto da legislação humanitaria da nossa historia.*

Assim o affirma o Sr. Joaquim Nabuco em seu livro *O abolicionismo.*

Este reconhecimento, porém, não impede que alguns apologistas, em flagrante contradicção, qualifiquem de *imperfeita, incompleta, impolitica, injusta* e até *absurda* a esplendida victoria pela qual foi extincta « a pirataria exercida em roda dos berços, nas aguas da jurisdicção divina e debaixo das vistas immediatas de um povo christão.»

Assim como é possivel ao ferro e ao fogo inutilisar

dentro de um dia o trabalho de seculos em colossos da floresta virgem, assim tambem o ardor da fantasia póde com alguns traços de penna amesquinhar ou destruir as maiores conquistas da civilisação, representada pelo trabalho de um povo ou de um homem.

E' facil deprimir a obra tão custosa de Rio-Branco — porque, dizem, autorizou a prolongação do captiveiro por mais meio seculo, porque não prohibiu o trafico inter-provincial e a divisão da familia escrava, porque expoz os *ingenuos* á servidão até a edade de 21 annos, porque deu ao proprietario da escrava o direito á indemnisação de uma apolice pela criança que elle não deixou morrer, porque foi incompleta no systema de resgate e insignificante na classe de escravos a libertar.

E' facilima a resposta aos esquecidos e descontentes.

A lei de 28 de Setembro, como producto humano, se não escapa de abusos e deturpações, é susceptivel de aperfeiçoamento. Entretanto, com todos os seus defeitos, além de estancar subitamente a fonte de perpetuidade do captiveiro, foi um categorico aviso nacional, um irresistivel appello ao patriotismo e, ainda mais, a causa efficiente de enthusiastico accesso a todas as propagandas, que hoje reclamam com o maior desembaraço a abolição immediata.

Não fique, porém, despercebido, á falta de commentario, um facto importantissimo entre os que pretendem

esgotar por um crivo o pantano do captiveiro, nutrido por seculos, e os que tentam supprimi-lo, em um dia, sem verem quanta fadiga e quanto sangue generoso se perderá nesse immenso fóco de miasmas deleterios para a atmosphera social.

O facto é este :

Antes da lei de 28 de Setembro parecia temeraria qualquer proposta no intuito de restringir a escravidão ; hoje a coragem maior consiste em reagir contra a imprudencia daquelles que não se importam de sacrificar a vida preciosa da patria na extincção repentina do inveterado mal.

Se o peculio dos escravos está a discrição dos senhores ; se a bondade destes e a iniciativa particular têm feito dez vez mais do que o fundo de emancipação e dez vezes menos do que a morte ; se o governo até agora não attendeu seriamente á educação dos ingenuos, fundando asylos apropriados ; se a obrigação da matricula especial não é rigorosamente cumprida ; se ainda não ha estatistica do elemento servil, pela qual se coteje o numero dos nascimentos, obitos e alforrias ; se a magistratura é complice de violações, consentindo na hasta publica dos serviços de ingenuos ; se o poder competente, faltando aos seus compromissos, se esquece de inspeccionar durante cinco annos os manumittidos, afim de obriga-los a contratarem seus serviços ; se o governo ainda não cogitou de estabelecer condições de trabalho para aquelles que se entreguem á óciosidade ; se a lei

parece menos um acto de soberania nacional do que uma transacção do Estado com os proprietarios de escravos; se todas as peças do mecanismo administrativo não funccionam simultaneamente, por inepcia da autoridade, por insufficiencia dos meios coercivos, por alliança das más paixões, que especulam até com a pureza dos sentimentos philantropicos; se tudo isto é exacto, o presente não deve attribuir ao passado erros que só a experiencia corrige, nem responsabilisar a lei por faltas de quantos não a executam plena e fielmente.

Os censores injustos devem antes reconhecer que o prudente legislador, permittindo a alforria, sobretudo no interesse nacional, bem longe de querer a desordem pela admissão de classes perigosas na sociedade, instituiu garantias de trabalho e disciplina. Ante a successão tristissima de certos factos, não maldigam dos bellos principios da lei. Queixem-se das incurias de uns, das astucias de outros, das morosidades que dão logar a propagandas reaccionarias e até á jubilosa imprevidencia dos proprietarios, no parecer dos quaes tudo vae optimamente e nada mais é preciso para extinguir a escravidão.

Aquelles, porém, que exigem tudo em desaffronta da humanidade e beneficio da patria, não devem escurecer ou menosprezar o quanto já se obteve, a custo de indiziveis esforços, na lei emancipadora.

— Ninguem mais nasce escravo.—Nestas quatro palavras de sublime concisão, porque, oppostas á crueza de tres seculos, respondem pela ventura do porvir, está

o principio capital ou a parte definitiva do immenso triumpho, alcançado na luta mais renhida a que já serviu de arena o parlamento brazileiro.

Se este mundo é uma balança, na qual se compensam o berço e o tumulo, póde-se dizer que no decurso de 12 annos a liberdade ganhou para a vida 300,000 brazileiros, emquanto a escravidão perdeu outros tantos pela morte.

Por quanto tempo durará semelhante compensação até que a natureza deixe de carecer da lei emancipadora, pelo facto de sepultar-se o derradeiro escravo? Eis a interrogação commovente do hodierno abolicionismo a protestar, em nome da equidade e dos escravos actuaes, contra o viver de um paiz que, por desgraça, ainda espera da morte de tantos filhos o complemento de sua regeneração social.

E até quando foi degradada a feitura divina pelos herdeiros de um crime, legalmente consentido na cubiça do Caim que, tendo a coragem de rebaixar a sua origem no semelhante, ainda tinha o direito de escravisar o futuro? Quantos annos durou no Brazil essa monstruosissima violação do direito natural, sem que a abolissem compromissos tomados á face do mundo sob palavra de rei e pela honra de *brancos,* em promessas feitas antes e depois da independencia, durante a menoridade e no actual reinado?

A esta pergunta responda a historia, para bem se definir a importancia da conquista realisada na lei de 28 de Setembro.

Durante o periodo colonial, surgiu a primeira promessa de redempção á raça negra com o alvará de 6 de Junho de 1755, o qual, estatuindo a liberdade dos indios na America portugueza, sómente exceptuou do beneficio os oriundos de pretas escravas, *emquanto*, dizia a regia ordem, *eu não der outra providencia sobre esta materia*. Nada se providenciou. Pelo contrario, ao passo que era abolida a escravidão na metropole, o rei de Portugal tolerava-a em seus dominios do Brazil e da Africa.

Vieram depois as lutas da independencia, fonte de esperanças para os captivos, em virtude das relações destes com os representantes do movimento politico, a cuja idéa esteve associada a das alforrias dos negros, como o demonstra a proclamação dirigida ao povo pernambucano, depois da revolução de 6 de Março de 1817, pelo governo provisorio. (*)

---

* O documento é este: « Patriotas pernambucanos! A suspeita tem se iusinuado nos proprietarios ruraes; elles crêem que a benefica tendencia da presente liberal revolução tem por fim a emancipação indistincta dos homens de côr e escravos. *O Governo lhes perdôa uma suspeita que o honra*. Nutrido em sentimentos generosos não póde jâmais acreditar que os homens, por mais ou menos tostados, degenerassem do original typo de igualdade, mas está igualmente convencido de que a base de toda a sociedade regular é a inviolabilidade de qualquer especie de propriedade. Impellido d'estas duas forças oppostas, deseja uma emancipação que não permitta mais lavrar entre elles o cancro da escravidão; mas deseja-a lenta, regular e legal. O goveno não engana a ninguem; o coração se lhe sangra, ao vêr tão longinqua uma época tão interessante, mas não a quer prepostera. Patriotas, vossas propriedades ainda as mais oppugnantes ao ideal de justiça serão sagradas; o Governo porá meios de diminuir o mal, não o fará cessar pela força. Crêde na palavra do Governo; ella é inviolavel, ella é santa.»

As palavras desta proclamação, transcriptas pelo Sr. Joaquim Nabuco, em seu livro o *Abolicionismo*, não obstante serem as mais nobres proferidas até hoje por um governo brazileiro, segundo o assevera aquelle propagandista, nada produziram durante 54 annos. A favor das grandes idéas pullulam sempre oradores inspirados e calorosos, que muitas vezes sacrificam o fim aos meios.

A difficuldade, porém, está em dispôr as forças do paiz ou de um partido para não errar o golpe contra qualquer monstruosidade social ou politica.

Decorridos alguns annos, a constituinte incluia, em um dos artigos do seu projecto de constituição,o dever de crear a assembléa estabelecimentos — para *a emancipação lenta dos negros e sua educação religiosa e industrial.*

Em 1822-1823, Maciel da Costa, depois Marquez de Queluz (um dos redactores da actual constituição) e José Bonifacio proclamaram por escripto a necessidade de abolir o captiveiro. O patriarcha da independencia, com a intuição de vero patriota, tendo a feliz idéa de querer extinguir o trafico e aniquilar gradualmente a escravidão, dizia no prefacio de sua *Memoria* :

... pois o Brazil não póde civilisar-se e progredir, sem cortar, quanto antes, pela raiz este cancro mortal, que lhe róe e consome as ultimas potencias da vida e que acabará por lhe dar morte desastrosa.

A dissolução da constituinte e o exilio do magnanimo cidadão impediram que vingasse tão generosa idéa nessa época.

Apenas emancipado, o Brazil annunciou formalmente a abolição da escravaria na lei de 21 de Outubro de 1823, pela qual foi conferida aos governos das provincias a faculdade de propor os meios mais adequados para a emancipação gradual.

Promulgada, ao começar o periodo regencial, a lei de 7 de Novembro de 1831, em seu artigo 1°, diz: « *Todos os escravos que entrarem no territorio ou portos do Brazil, vindos de fóra, ficam livres.* »

Entretanto essa parte da lei, que teve a referenda de Feijó, não mereceu a honra de ser executada nem pelos ministros da regencia, nem pelos do segundo reinado.

Datam de pouco antes da lei de 28 de Setembro os compromissos nacionaes, contrahidos á face do mundo culto, a favor de quasi dous milhões de escravos.

Cumpre mencionar o decreto de 6 de Novembro de 1866, e o procedimento do governo, de accôrdo com o conselho de Estado, alforriando escravos para a campanha do Paraguay; o discurso da corôa em Maio de 1867; a mensagem dos abolicionistas europeus, dirigida ao Imperador, e a resposta do ministro da justiça em nome do monarcha (*); a iniciativa tomada pelo Sr. Conde d'Eu contra a escravidão no Paraguay (**); os projectos de emancipação no conselho de Estado; a agitação do partido liberal que exigia a reforma emancipadora, depois de organizar-se o gabinete Itaborahy; a substituição deste

---

(*) A mensagem ao Imperador pela junta de emancipação em França trouxe a assignatura dos seguintes abolicionistas: duque de Broglie, Guizot, Laboulaye, A. Cochin, Andaluz, Gaumont, principe de Broglie, Léon Lavedan, Borsier, conde de Montalembert, Eugène Yung, Henri Martin, Wallon, Henri Moreau e Edouard de Pressensé.

Entre outras cousas, diziam esses grandes homens ao Imperador: «Uma vontade de Vossa Magestade poderá produzir a liberdade de dous milhões de homens.»

(**) Sua Alteza o Sr. Conde d'Eu, em seu humanitario appello ao governo provisorio do Paraguay, dizia que, se fôsse concedida a liberdade aos escravos daquelle paiz, romper-se-hia com uma instituição que foi infelizmente legada a muitos povos da livre America por seculos de despotismo e de deploravel ignorancia.

Confrontando-se, porem, o diminuto numero de escravos no Paraguay com os existentes no Brazil, não houve inconsequencia em promover e applaudir a liberdade daquelles, emquanto não era possivel conseguir a destes. Honra, pois, ao generoso appello do principe e ao decreto de 2 de Outubro de 1869, cujo artigo 1° é este: Fica desde hoje abolida totalmente a escravidão no territorio da Republica.

pelo do Marquez de S. Vicente e, finalmente, a ascensão do ministerio Rio-Branco.

Tantos factos, porém, do mais auspicioso prenuncio de reparação no remorso nacional, não bastaram para desempecer o caminho ao governo, quando este, dignamente representado no gabinete de 7 de Março, inspirando-se na justiça da causa e resolvido a inutilisar o manancial do captiveiro, esbarrou-se com arrogantes protectores do feudalismo agricola, formidavel inimigo, tão insidioso em maldizer o peso da herança nefanda, como em disfarçar-se no direito de propriedade.

O espirito da reforma, contando com o sentimento de abnegação da maternidade, e fazendo o possivel em favor da arvore, visáva ao pleno beneficio do fructo. O sabio legislador, não podendo logo desapropriar todos aquelles que equiparam o semelhante ás cousas inanimadas, quiz ao menos impedir a degradação de seres porvindouros. Nada mais razoavel, porquanto, no dizer expressibilissimo e pathetico de Salles Torres Homem, as creaturas em questão ainda não viviam, a poeira de que seus corpos seriam organisados ainda fluctuava dispersa sobre a terra, a alma immortal que os tinha de animar ainda repousava no seio do poder creador, serena e livre, e já o impio escravagista os reclamava como sua propriedade, já os reivindicava do dominio de Deus para o inferno da escravidão!

O governo, disposto a iniciar a desaffronta da lei natural no dominio da civilisação, não podia merecer

complacencias da cubiça que enriquece á custa do aniquilamento moral do homem, impondo-lhe a negação do livre arbitrio, embotando-lhe a consciencia, absorvendo-lhe todos os productos do trabalho e supprimindo-lhe as affeições mais caras da familia.

Devem estar ainda bem vivas na memoria do povo fluminense as scenas degradantes e indescriptiveis de tumultuaria resistencia, a que foi quotidiano theatro, durante tres mezes, o recinto da camara dos deputados, desde que entrou em discussão o projecto emancipador, até que sahiu victorioso para ir alcançar mais prompto *veredictum* na camara vitalicia.

Para a magna luta, assim levada ao seu auge no recinto da representação nacional, que se transformou em verdadeiro campo de batalha, extremaram-se as opiniões do paiz em dous partidos: um, em maioria sympathica ao povo, apoiava com o governo e seus amigos politicos a grandeza da idéa humanitaria; o outro, querendo compensar a inferioridade do numero pelos excessos da aggressão, sustentava com os temores de uma subversão social os interesses economicos e o egoismo da grande propriedade.

Parece incrivel, mas foi real, a intensidade de colera em recrudescentes desatinos a que chegou a opposição, esgotados a principio todos os meios sorrateiros, e mais tarde os recursos francamente protelatorios, já formando conciliabulos secretissimos para derrubar o gabinete, já consumindo o tempo com inutil verbiagem,

já propondo adiamentos absurdos, já fazendo interpellações consecutivas e provocadoras.

De quanta dedicação, paciencia e disciplina se revestiu a maioria para manter-se a postos, dependendo apenas de um voto, durante longas sessões, o andamento e bom exito da campanha parlamentar! (*)

Quanto esforço foi despendido, sem perder-se a serenidade e energia das puras convicções, para quebrar uma por uma as armas da minoria turbulenta, que, em desespero de causa, assumia proporções ferozes, prorompendo em horrifica explosão de affrontas pessoaes, oppondo a vozeria anarchica aos primores da eloquencia meliflua, brandindo pedaços de balaustre, desafiando para o pugilato ali mesmo ou para a revolução das ruas, como se os apologistas da escravidão pudessem contar com o povo, enthusiastica e naturalmente propenso ás idéas generosas e philantropicas!

Tão lamentaveis desastres da razão, naquella tempestade humana, dignamente commpensou-os a attitude serena, imperturbavel, magestosa, olympica do Visconde do Rio-Branco.

(*) Dentre os que mais ajudaram o presidente do conselho em seu grandioso empenho, manda a justiça da historia destacar o eloquentissimo senador Torres-Homem, cuja oração monumental arrebatou o senado; o ministro do Imperio, conselheiro João Alfredo, cuja energia influiu poderosamente nos menos corajosos governistas; e monsenhor Pinto de Campos, relator do luminoso parecer da commissão especial ácerca do projecto, e illustrado sacerdote que, attento e fiel a seus deveres para com a Igreja, nem por isso deixou de mostrar-se pariota, quando na questão religiosa absorveu-se o espirito publico.

Quasi sempre na brecha e alvo de todos os ataques, ou resurgindo inopinadamente onde era forçoso bater com a sua clava de Alcides da tribuna os temerarios inimigos da liberdade; no auge da refrega, fazendo estacar os contendores que o assaltavam de todos os lados; respondendo com o sorriso, o silencio e a immobilidade ás mais furibundas invectivas, como rochedo illuminado pelos arrebóes e impassivel aos continuos embates das ondas espumantes; a imponente figura do impavido estadista sobresahia, no centro do scenario parlamentar, naquelle claro-escuro de esperanças e receios, naquelle quadro emmoldurado pela assistencia respeitosa da turba, irresistivelmente attrahida para o imprevisto das extraordinarias situações.

Quando, porém, o egregio bahiano, interprete do Brazil e patrono da geração ainda por nascer, mas já escravisada, empregava na voz tão lucida, altiloqua e segura, as armas que a grandeza de Deus póde confiar á superioridade de um homem, então desapparecia tudo para só representar-se e vencer, nos argumentos do estadista philantropo, a facundia magnetica de Rio-Branco; então, absorto no orador o auditorio e dominada em todos os sentidos a alma publica, dir-se-hia que o recinto do parlamento se prestava a transformações sobrenaturaes, porquanto, se os vivos se alienavam da propria consciencia nos raptos oratorios daquelle incruento batalhador, parecia que os mortos voltavam d'além tumulo e que os grandes fundadores da patria vinham

ali mesmo, naquella arena de civicos triumphos, assistir á influencia posthuma dos seus incentivos no conceito e na palavra desse predestinado compatriota !

Ahi estão, para quem os queira lêr, mais de 40 discursos que o athleta parlamentar proferiu contra a escravidão. Quantas provas de assombrosa fecundidade, de profunda meditação, de arrebatadores improvisos, nesses thesouros pallidamente copiados pela stenographia, porque é impossivel transportar para o papel a estatura que impõe, o gesto que domina, a inflexão de voz que enamora os ouvidos e a irradiação da physionomia que tanto seduz os olhos !

Ao prodigioso effeito, produzido pelo memorabilissimo brazileiro em seus ouvintes, quadra perfeitamente esta apreciação magistral de Latino Coelho :

De todos os generos de litteratura o mais difficil; e por isso mesmo aquelle em que são mais raros os triumphos que os naufragios, é a oratoria politica ou, como hoje dizemos, *parlamentar*.

O orador é ao mesmo tempo artista e homem de estado. Pelas graças da imaginação, pela harmonia do desenho, pela variedade e frescura do colorido, pela textura rythmica do periodo, pelo sublime ou gracioso dos seus quadros ou hypotyposes, pelo grave e engenhoso dos seus conceitos, o orador é o primeiro entre os artistas. Pela agudeza em observar e distinguir os successos do presente, pela providencia com que sabe conjecturar os do futuro, pela discrição com que elege o melhor partido e propõe o melhor conselho, pelo privilegio singular com que governa do alto da tribuna as mal soffridas multidões, e ora levanta e concita as paixões em um auditorio adormecido, ora aplaca e remitte os affectos descompostos na

turba irrequieta e rebellada, o orador é o mais efficaz ou o mais perigoso dos republicos.

As musas, que só por si bastam a inspirar as manifestações do bello, não têm jurisdicção absoluta, para modelar na mente do orador estas creações bifrontes, que se compõem de formosura e de paixão, do grosseiro barro dos interesses humanos e ephemeros e do espirito immortal que sobrevive ás republicas e ás civilisações. »

Até hoje nenhum ministro do nosso paiz desenvolveu tanta energia espiritual, conservou tanta impassibilidade e exhibiu tantos dotes mentaes como o Visconde do Rio-Branco, obrigado a subir quasi todos os dias á tribuna, em ambas as casas do parlamento, durante cinco longos mezes, para evangelisar a doutrina social que se agitava na torrente impetuosa das idéas, reproduzindo-se assim, nos fastos da vida brasileira, os bellissimos tempos do Agora com os seus luzeiros oratorios no apogêo da mentalidade hellenica.

A eloquencia de Rio-Branco, estimulada nos perigos da occasião, não se caracterisava por qualquer desses dons peculiares aos mais distinctos oradores brasileiros, igualando ou excedendo a altivez do civismo de Antonio Carlos ; a dialectica de Bernardo de Vasconcellos em luta com o insigne Alves Branco ; as louçanias e melifluidades de Miguel Calmon e Maciel Monteiro ; as verberações e sarcasmos de Zacharias ; a tactica doutrinaria de Nabuco ; os monumentos de philosophia architectados pela meditação de Torres Homem ; a fórma irreprehensivel do atticismo de José de Alencar ; a flamma-

e o vigor do genuino tribuno em Silveira Martins, e a dupla opulencia do hodierno José Bonifacio, cujo esplendor de idéas, acompanhando a correnteza da verbosidade, assemelha-se ao iris através da catadupa.

Pois bem, não obstante a fama desses vultos parlamentares, póde-se dizer que o presidente do ministerio de 7 de Março revelou-se na altura de tantos predicados especialissimos, batendo-se galhardamente, até em questões de jurisprudencia, com os mais proficientes, e medindo-se com uma opposição numerosissima e cheia de talentos robustos como, por exemplo, Ferreira Vianna e Andrade Figueira, ainda hoje os mais temidos e emeritos censores na camara dos deputados.

De tantos lances arrebatadores, com que Rio-Branco inutilisou na camara temporaria as armas dos seus mais fortes antagonistas, ao menos reproduza-se aqui o fecho de ouro do seu discurso de 14 de Julho de 1871, em resposta a José de Alencar:

Sr. Presidente: — O nobre deputado pela provincia do Ceará deu fim hontem ao seu discurso fantasiando um écho de além-mar, que devia recordar-me os deveres da posição em que S. Ex. considerou o ministerio e a maioria. Direi por minha vez ao nobre deputado que elle, attentando bem para a posição que tem tomado e reflectindo sobre os factos da nossa vida politica, ha de ouvir tambem um écho de além-tumulo, dos fundadores da nossa independencia, adverti-lo: Extremado conservador e joven estadista, não ataqueis as instituições em nome do partido conservador; não digais perante um parlamento de catholicos que a religião não deve inspira-lo, quando se trata de uma reforma desta ordem! (*muitos apoiados*)

A religião é a luz que deve illuminar todas as consciencias, *(muito bem)*, o Evangelho é o codigo dos codigos, *(apoiados)*, e a nação que, quando se trata destas grandes medidas geraes, teme a influencia da moral e da religião, essa nação expõe-se ao socialismo brutal e feroz, que ainda ha pouco fez estremecer o mundo civilisado. *(apoiados, muito bem, palmas)*.

Elle não era, como o pintam alguns, inerte por natureza, incapaz de se abrazar, adstricto ao calculo do mathematico e ao subterfugio do diplomata, habituado a exprimir-se com a exactidão de uma fórmula algebrica, tão rico de estudo quão pobre de inspiração, e insensivel ao que dizia, qual a estatua de Memnon tocada pelos raios do sol. Pelo contrario, attravessando sósinho as maiores agruras da vida, crescendo na intelligencia sem minguar-se-lhe o coração, e supportando incuraveis desgostos no fastigio social, elle, tão forte na esperança quão facil no perdão, sabia vencer-se a si mesmo, para não sacrificar, em feias explosões do amor proprio, os magnos interesses da patria.

Outros o qualificaram de fraco, porque facilmente se compadecia das lamentações exageradas ou hypocritas de quem quer que procurasse alcançar-lhe favores para depois trahi-lo e maldizê-lo, fiando-se em sua benevolencia inesgoatvel. Se isto é defeito, elle era defeituoso.

Sua indole, genuinamente liberal, não se desmentia no poder, ostentando a coragem de sobrepôr-se á equidade da lei para exercer vinganças mesquinhas,

desrespeitar o *habeas-corpus* e até impedir, com a economia de migalhas, a instrucção do operario.

Se elle não recebesse as inspirações da natureza nos sentimentos da humanidade, ou não sentisse na parte mais nobre do seu ser as affrontas irrogadas pela escravidão á pessoa do semelhante, ter-lhe-hiam falhado todos os calculos da mais sólida reflexão e, combatendo por idéas que custaram muito sangue á potentissima terra de Washington e Lincoln, deixaria de ganhar uma victoria logo retribuida com chuva de flôres e estrondosas acclamações de regosijo nacional, enquanto não repercutiu em todo o mundo civilisado até recommendar-se, em honra do seculo, aos seculos vin-douros. (*)

A' falta de outro meio para amesquinhar a gloria do nosso Wilberforce, a inveja atreveu-se a dizer que o Visconde do Rio-Branco, ao subir ás alturas de primeiro ministro, pouco antes de ausentar-se o Imperador em viagem pela Europa, renunciára ás proprias convicções, expendidas no conselho de Estado, só por satisfazer, como um automato, os caprichos philantropicos do soberano, tão desejoso de corresponder a enthusiasticas homenagens dos sabios e abolicionistas do velho mundo, quão empenhado em que a regencia de sua augusta filha abrilhantasse o throno, e se trasmittisse á posteridade na grandiosa lei de emancipação.

(*) O ministro norte-americano, que estava presente, ao passar no senado o projecto da lei emancipadora, não poude conter o enthusiasmo e recolhendo algumas flôres atiradas sobre Rio-Branco exclamou :

«Quero que em meu paiz se saiba que o que lá custou tanto sangue derramado, no Brazil apenas custou flôres.»

Quasi tudo isto é falso. Quando, porém, se comprovasse interesse particular no chefe do Estado e inconsequencia no estadista, nada mais humano e louvavel que o procedimento de quem se furta ao erro para entregar-se á verdade, nenhum titulo melhor para um principe, amigo da sciencia, comparecer em plena civilisação, nenhum serviço maior para o subdito honrar a confiança do rei.

A justiça da historia, porém, espalhando jorros de luz sobre o passado recente, que uns fingem ignorar e outros tentam escurecer, manda repetir o seguinte:

A idéa da emancipação foi discutida, pela primeira vez em 1867, no conselho de Estado, graças á iniciativa do benemerito Marquez de S. Vicente que, em 23 de Janeiro de 1866, apresentára ao Imperador cinco projectos ácerca do assumpto. Sua Magestade, a quem era extremamente sympathica e interessante a causa dos escravos, entregou os preciosos trabalhos de Pimenta Bueno ao Marquez de Olinda, presidente do conselho, e desde então exerceu continua e mui louvavel influencia no estudo da questão.

Por aviso reservadissimo de 17 de Fevereiro de 1866, consultados quanto á conveniencia, ensejo e modo de apressar a extinção do captiveiro, o Visconde de Souza Franco e o Marquez de Sapucahy responderam que, só depois de finda a guerra do Paraguay, quando o numero de escravos tivesse diminuido pela morte e pelas alforrias, emquanto pela immigração fôsse augmentando o

numero de trabalhadores livres, conviria tratar de tão grave assumpto, para cuja solução, affirmava Souza Franco, seria indispensavel o accôrdo de todos os brazileiros.

Transmittida a consulta, em Abril de 1866, a todos os membros do conselho de Estado pelo Marquez de Olinda, que por ser contrario á reforma, deixou de o convocar, só em Abril do anno seguinte foram discutidos os projectos S. Vicente, cujas idéas capitaes, eram: liberdade dos nascituros, fundo de emancipação, e prazo para a abolição total no dia 31 de Dezembro de 1899.

Manifestaram-se contra a fixação de tal prazo e a favor das outras medidas os conselheiros Abaeté, Itaborahy, Jequitinhonha, Euzebio de Queiroz, Nabuco, Souza Franco, Torres Homem e Paranhos. Este opinou, quanto ao 1° quesito, pela conveniencia de abolir directamente a escravidão; quanto ao 2°, pela execução do projecto, depois de concluida a guerra do Paraguay, quando fôssem menos desfavoraveis as condições financeiras do paiz; quanto ao 3°, pela liberdade do ventre, ficando os filhos das escravas até certa idade ao serviço dos senhores daquellas, se elles tivessem de os educar e sustentar durante esse tempo.

O Visconde do Rio-Branco ainda indicou providencias para mitigar o captiveiro, como por exemplo, todo o favor aos processos de liberdade; a prohibição de separar os conjuges, as mãis e os filhos menores; restricção na transmissão de escravos por herança, legado

ou doação; garantias a bem do peculio; a matricula de toda escravatura e o registro dos respectivos nascimentos e obitos.

Pareceu-lhe, porém, inconveniente o prazo fixado para a abolição total em 1899, por ser mui longo e assim matar desde logo toda a esperança dos escravos.(*)

A perversidade partidaria teve a ousadia de falsificar em 1871 aquelle parecer, mas seu autor protestou immediatamente contra a falsificação. Nem esse prompto desmentido, nem a publicação dos pareceres do conselho de Estado, hoje ao alcance de quem os procure lêr, bastará para dissipar em certa gente o preconceito de que Rio-Branco amparou na tribuna, por interesse de aulico, uma reforma contraria a suas idéas?!

Fundidos em um só os cinco projectos de Pimenta Bueno com a eliminação do artigo relativo ao prazo, só em Abril e Maio de 1868 submetteu-se o magno asumpto á nova discussão, que ficou adiada, ao se retirarem do

---

(*) Eis como se exprimiu Rio-Branco, ao terminar o seu parecer:

« Creio tambem desnecessario, e até muito inconveniente que a lei marque o prazo da extincção total da escravidão. O prazo proposto (31 de Dezembro de 1899) é *tão longo* que sua fixação não serviria senão para matar desde logo toda esperança da população escrava. E' excusado, porque, ainda suppondo que a mortalidade dos escravos entre nós não exceda de 3 %, como aconteceu em algumas colonias inglezas e francezas, no fim dos 32 annos de que falla a proposta, essa população estará quasi toda extincta, desde que se não renove, nem pelo trafico, nem pelo nascimento. Para que, pois, prefixar um prazo que entristece, e que aliás as circumstancias futuras do paiz poderão encurtar, então, sem grande onus para o thesouro?

« Concordo com as idéas capitaes dos projectos do Visconde de S. Vicente quanto aos escravos da nação e das ordens religiosas.

« Creio que, com as medidas concernentes á emancipação dos escravos, se deve cuidar dos meios mais efficazes para attrahir população livre ao Imperio....»

poder os liberaes, até quando, em consequencia da proposta do deputado Teixeira Junior, foi eleita uma commissão especial, cujo projecto, com a data de 18 de Agosto de 1870, é quasi o mesmo do Marquez de S. Vicente.

Em Setembro de 1870, de volta do Paraguay, onde promettêra, em uma festa maçonica e perante muitos estrangeiros, metter hombros á grandiosa empreza, o Visconde do Rio-Branco, então ministro do gabinete Itaborahy, declarou no senado, que durante a sessão do anno seguinte, o governo apresentaria ás camaras o seu pensamento ácerca da emancipação. (*)

(*) O autor deste elogio historico estava presente e póde assegurar a veracidade do facto, assim reproduzido por Alvarenga Peixoto, em seu estudo biographico—*O visconde do Rio-Branco*:

Em 1870 a loja maçonica denominada *Fé*, instituida em Assumpção, depois que o Paraguay, graças aos esforços da alliança, saboreava os primeiros fructos da liberdade, celebrou uma sessão magna em honra do Visconde do Rio-Branco, que recebêra noticia da sua eleição para grão-mestre da maçonaria brazileira.

Nessa reunião achou-se elle entre um grande numero de brazileiros, de estrangeiros de varias nacionalidades e de paraguayos.

O thema dos discursos então proferidos era a liberdade de que gozava a republica, os serviços generosos do Brazil, e particularmente os que em transe tão doloroso havia prestado a esse povo irmão o distincto estadista e diplomata brazileiro.

Ali, um illustrado brazileiro, o ex-deputado Felippe Nery, levantando-se por sua vez, interpellou o Visconde do Rio-Branco sobre a grande questão da emancipação dos escravos no Brazil.

« Libertámos um povo, exclamou elle, mas em nossa patria geme ainda na escravidão um sem numero de homens que nasceram no mesmo solo abençoado em que nós nascemos, e que são tão brazileiros como qualquer de nós é brazileiro. Vossa posição social, preclarissimo grão-mestre, vossas luzes e vosso estremecído patriotismo podem fazer com que para esses infelizes raie tambem o sol da liberdade. E' uma empreza digna de vossas virtudes patrioticas, de vossos sentimentos generosos ».

O Visconde do Rio-Branco respondeu :

« Reformas como esta não podem ser impostas. Hoje que o paiz está preparado, hoje que a nação inteira a aceita, é tempo de leva-la a effeito. Pela minha parte, asseguro solemnemente que empenharei todas as minhas forças para que triumphe quanto antes esta causa, que é a causa da humanidade, e tambem a causa dos verdadeiros interesses e futuro engrandecimento da minha patria».

Sentimos não poder reproduzir textualmente esse brilhante improviso, que excitou em toda a assembléa, em nacionaes e estrangeiros, enthusiasmo indescriptivel.

Organizado o ministerio de 29 de Setembro e, mezes depois, succedido pelo de 7 de Março de 1871, porque Pimenta Bueno, intellecto mui forte no gabinete da meditação, era pouco affeito ás lutas da tribuna, apresentou-se então o melhor ensejo para o Visconde do Rio-Branco e assim pôde a promessa do grande patriota cumprir-se em brilhantissima victoria.

Quando, no recinto do senado, sob a impressão do mais profundo silencio, o suffragio dos paes da patria coroou a reforma emancipadora e logo a anciedade publica, expandindo-se em jubilo immenso, prorompeu nas mais estrondosas manifestações, quem ousaria negar ao presidente do conselho as culminantes honras daquelle triumpho? Só a cegueira de partidarios da escravidão ou o orgulho de loucos.

Nacionaes e estrangeiros bateram palmas; grandes e pequenos cobriram de flôres o indefesso batalhador. Durante muitos dias acclamaram-o instrumento da Providencia todas as classes sociaes, nos salões e nas ruas, nos palacios e nos tugurios, na tribuna e na imprensa, na cidade e na aldêa, com a repercussão magnetica de unisonas homenagens, a que não pódem resistir a inercia do mais descrente e a tristeza do mais solitario. Seu nome, transmittido de boca em boca, assignalava-se qual o de um herói legendario, fazendo esquecer, como um sonho dourado, as agonias do captiveiro, levantando altares nos corações das mães escravas, e fulgindo, como symbolo de excelsa reparação, no fundo da consciencia nacional.

O velho mundo, associando-se cordialmente aos regozijos philantropicos do joven Imperio, enviou-lhe nas azas da imprensa demonstrações inequivocas de applauso.

Sem menosprezar os outros, basta rocordar louvores da França, desse povo que realmente foi —o soldado de Deus— na phrase de Victor Hugo, quando, em 1789, destruindo na Bastilha as reliquias do feudalismo, pôde mais que a invenção da imprensa, o descobrimento da America, a renascença intellectual e a reforma religiosa.

Michaux Bellaire, distincto advogado de Pariz, assim se exprimiu em um livro de grande importancia economica para o Brazil :

> Un jour viendra, et sans doute il est proche, où l'esclavage sera complètement aboli dans l'Empire. Mais cela se fera sans danger, sans commotion, parce que la loi, que nous examinons, a sagement préparé la transition.

O jornalista Julien Penel escreveu na *France*, redigida então por Emile de Girardin :

> Quiconque est au courant des affaires brésiliennes reconnaitra qu'en formulant cette loi, Mr. de Rio-Branco est allé jusqu'aux limites extrêmes du possible.

Depois da victoria o festejado estadista, sem escurecer o merito alheio na iniciativa da idéa, nem alardear

os proprios sacrificios para traduzi-la em acto legislativo, usou sempre de linguagem reconciliatoria, acalmando os despeitos e promovendo a concordia nas fileiras do seu partido.

Sirva de exemplo o discurso proferido a 2 de Março de 1872, quando o Grande Oriente do Lavradio festejou a emancipação em honra do seu grão-mestre. Não é possivel mais edificante modestia, nem mais luminosa apreciação, do que nestas palavras:



As distincções que me conferistes, muito superiores ao merecimento de quem as recebe, são outros tantos factos e symbolos commemorativos do vosso civismo e dos vossos sentimentos philantropicos, expostos ás vistas das gerações presentes e vindouras. O merito real é vosso; a honra desta solemnidade vos cabe principalmente. Eu sou apenas a expressão personificada do vosso generoso pensamento, pela dupla e transitoria qualidade que recebi de vossa confiança e do certamen da vida politica.

Vosso enthusiasmo tem os mais nobres incentivos. A reforma social que o poder legislativo do Brazil acaba de decretar é de certo um triumpho assignalado da nossa civilisação; é a remissão de uma grande divida para com Deus e os homens ; é o marco de uma nova éra, éra de regeneração moral e material preparada pela razão, reclamada pela justiça e favorecida pelo tempo ; bella e salutar como todas as obras que a moral universal inspira; obtida a custo, como tudo o que é verdadeiramente grande, mas incruenta, como padrão eterno do caracter elevado e raro bom-senso do povo brazileiro. O feito social que hoje celebraes com tanta effusão do vosso patriotismo, illustrado pela mais sã philosophia, parecia o esforço mais arriscado da sociedade brazileira. Não encontrava contra si as differenças de casta, os preconceitos aristocraticos das republicas gregas e romana, as idéas falsas e

egoistas dos tempos de Platão e Aristoteles; mas oppunham-se-lhe habitos seculares, a organização de todo o trabalho industrial, as apprehensões naturaes de interesses legitimos e tão valiosos que nelles se cifra toda a nossa riqueza publica e particular. A resistencia era inevitavel; em todo caso seria energica, mas causas artificiaes ou as paixões dos homens lhe augmentaram as proporções, lhe desfiguraram o caracter e ameaçaram torna-la tempestuosa. Triumphou, porém, e sem prolongada luta, a idéa do progresso; triumphou, porque era a verdade e a justiça, e este duplo sol das consciencias bem formadas illumina e attrahe a si os proprios que se desviam da estrada real da felicidade publica, para correrem desvairados pelos atalhos dos erros e das illusões momentaneas. *Fata viam invenient.*

Quem venceu nesta luta pacifica (seja-me permittida a expressão) foi a sociedade brazileira. E' uma victoria que agrada a Deus e a Catão, que honra a todos, que confunde vencedores e vencidos, á luz refulgente da imagem da patria, aos olhos da historia e sob as inspirações do Omnipotente. Ninguem tem direito á gloria exclusiva desse feito, como ninguem deve deixar de adherir á lei ditada pela vontade da maioria nacional e applaudida pela voz unanime do mundo civilisado.

Tão nobres sentimentos e tanta elevação de idéas dão a medida extraordinaria do christão, do philosopho e do politico. Felizmente não diminuiu a estatura moral do homem, quando o estadista, depois de entregar o poder a seus co-religionarios, foi perante estes assim qualificado pela honrosissima franqueza de Silveira Martins, por occasião de apresentar-se ao parlamento o ministerio de 25 de Junho de 1875:

O nobre presidente do conselho de 7 de Março era (não ha nega-lo, mais de uma vez o tenho dito) era um colosso

pela flexibilidade do talento, que se adaptava a todas as questões, pela infatigavel actividade que parecia multiplica-lo e inspirava a todos os seus amigos uma confiança illimitada, que só pódem conquistar os homens verdadeiramente superiores.

Livre dos arduos encargos de ministro, o Visconde do Rio Branco, incapaz de dormir sobre os louros, proseguiu nos seus deveres de senador e conselheiro de estado, dando pareceres magistraes em altas questões orçamentarias, e defendendo com o mais vivo empenho na integridade da constituição o direito do suffragio popular, visivelmente restringido por um projecto de reforma eleitoral, cujo exito era questão de vida ou de morte para o gabinete de 5 de Janeiro de 1878.

O habilissimo opposicionista, sendo como Robert Peel o mais liberal entre os conservadores e o mais conservador entre os liberaes, fez frente e conteve os paladinos da eleição directa que, embora viesse, como veio depois, corrigir abusos de qualquer dos partidos no governo do paiz, não deveria passar com tanto desacato á arca santa das nossas liberdades publicas.

Prompto sempre a intervir com a sua presença e com o seu esforço em todos os asumptos de interesse nacional, o benemerito cidadão cumpria ininterruptamente obrigações de ordem politica, administrativa, scientifica e philantropica.

Sem descuidar-se da familia, empregava o seu precioso tempo em desempenhar o mandato popular, em

responder a consultas do governo, em dirigir a escola polytechnica, ao passo que era presidente do monte-pio dos servidores do Estado e grão-mestre da maçonaria ao valle do Lavradio, instituição cujos fins humanitarios lhe merecêram honroso apreço.

O Visconde do Rio-Branco, além de numerosos titulos honorificos, brilhantemente explicados por serviços ao governo e ao povo do seu paiz, era grã-cruz de oito ordens estrangeiras, membro correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisbôa e socio honorario da *Bristish and Foreign Anti-Slavery Society*. (*)

Dentro desse peito, coberto de scintillantes condecorações, encontrava-se o distinctivo de maximo gráo a que póde subir o mais digno de ser condecorado pelos homens e pela historia: Esse distinctivo era o seu coração.

Trinta annos de afanosa e continua dedicação á causa publica estavam pedindo o salutar e recreiativo descanso de alguns mezes.

Viajar é renascer, disse-o Lamartine. Inspirando-se

(*) O Visconde do Rio Branco era grã-cruz das ordens da Legião de Honra, de França; de Nosso Senhor Jesus Christo e Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, de Portugal; das imperiaes ordens russianas da Aguia Branca e Sant'Anna, de 1ª classe; da austriaca de Leopoldo, de 1ª classe; da real ordem italiana de S. Mauricio e de S. Lazaro, e da real e distincta ordem hespanhola de Carlos III.

na opinião do poeta, e querendo em uma viagem refazer-se para mais 20 annos de labores proficuos, o preclaro brazileiro effectuou larga excursão pela Europa, desde meiado de 1878 até Julho de 1879.

Modesto viajante, o Visconde do Rio-Branco, observando de perto maravilhosos factores de progresso naquelle immenso laboratorio da civilisação, assegurou-se cabalmente dos recursos e vantagens da patria, quando nesta bella porção da America se utilisem thesouros da mais próvida natureza que só espera pela vontade do homem.

Estudando, no complicado organismo da vida européa, as grandezas e miserias humanas, o brioso filho do Brazil requintou de patriotismo ao presenciar as molestias sociaes, o contraste da paz com a militarisação dos Estados, as lutas da philosophia impia com o fanatismo religioso, a ordem ameaçada nos thronos pelas conspirações nihilistas, e os males a crescerem com os bens nas esplendidas victorias das sciencias, das artes e das industrias.

A Inglaterra, patenteando-lhe innumeras prerogativas que cercam a liberdade individual, não pôde esconder-lhe, no modo imperfeito pelo qual se pratica a igualdade, os horrores do pauperismo e da prostituição com as desvantagens do talento preterido, na representação nacional hereditaria, pela cegueira da sorte.

A Allemanha, orgulhósa feitura de Bismarck e de

Moltke, por mais que se ostentasse no fastigio de todo o seu poderio, com o brilho das virtudes marciaes, não conseguiria occultar-lhe, em tantos embaraços economicos, a pobreza do sólo aggravada pela exageração do apparato militar.

Não o impressionáram menos as inconsequencias da França, que evidenciou a sua grandeza em seu revez, paiz riquissimo, centro de irresistivel influxo em todo o mundo pensante, mas infelizmente absorto na idéa da desforra e assim exposto em perigosos declives á ruina moral na anarchia politica.

A moderna Italia, porém, engrandecida pelo engenho de Cavour e pelo civismo de Garibaldi, naquelle mesmo sólo tão attractivo para a imaginação universal, em vestigios da antiguidade, em obras primas do genio e no culto indeclinavel do bello, ensinou-lhe quanto o Brazil ganharia, se obedecesse aos verdadeiros dictames da esthetica, em vez de afeiar, em construcções monstruosas, tantas magnificencias de sua natureza formosissima.

Aprendendo muito no bem estar de nações, como a Belgica e a Hollanda, onde a grandeza do homem compensa em todos os sentidos a pequenez do territorio, elle arraigava, no intimo da alma, a conveniencia de separar os deveres da administração dos interesses da politica, em pról do nosso paiz, onde o desprestigio do principio autoritario, a comprovar-se na razão directa dos excessos de liberdade, tem contribuido tanto para o

atrazo social, mórmente em consentidos abusos da imprensa, empregada como fabrica diffamatoria contra o socego do lar e os incentivos mais puros do cidadão.

Para dar uma idéa completa da irresistivel sympathia, inspirada pela distinctissima presença de Rio Branco em paizes estrangeiros e cultos, sirva de testemunho a seguinte apreciação do *Correio da Europa*:

Nascido nas terras de Santa Cruz e não tendo vindo á Europa senão quasi no fim da vida e da sua brilhante carreira, o Visconde do Rio Branco parecia ter sido educado na escola e no convivio dos mais celebres estadistas europeus.

Na viagem que fez, ha pouco mais de um anno, pelas côrtes do velho-mundo, onde tratou de perto os mais distinctos vultos da actualidade, a todos deixou maravilhados pela finura do seu trato, pela distincção de seu porte, pela opulencia do seu talento.

Dotado de uma physionomia em extremo sympathica, onde se lia, a par de uma intelligencia robusta e perspicaz, uma inexcedivel bondade, o Visconde do Rio-Branco deixava captivos de si todos os que se lhe approximavam.

Quando o consciencioso observador se opulentava espiritualmente em tão fecundas impressões de viagem, foi obrigado a consultar em Pariz notabilidades medicas ácerca da affecção que se lhe manifestára em Lisbôa.

Não ligando a devida importancia á enfermidade ou crendo-se perfeitamente curado, depois de sujeitar-se á cauterização feita pelo Dr. Verneuil de preferencia á operação indicada pelos Drs. Labey e Guion, o illuste

enfermo embarcou-se para o Brazil, onde o acolhêram muitas e sinceras demonstrações de estima em Pernambuco e na Bahia. De passagem pela sua provincia natal o filho reverente, que não se esquecêra de ir contemplar no Porto a pia baptismal de seu pae, sentiu-se preso de ineffaveis recordações. Quanto lhe foi grato rever a casa em que nascera e donde o tirára—orphão e pobre—a fortuna para deixa-lo sosinho nas encruzilhadas perigosas da vida! (*)

Quando chegou ao Rio de Janeiro, no dia 30 de Julho de 1879, foi recebido com as mais pomposas e espontaneas mostras de sympathia, respeito e admiração. Desde que desembarcou do *Elba* até chegar á sua habitação em S. Christovão, n'um trajecto que durou horas, occupadas pela alacridade popular, em cuja effervescencia confundiam-se grandes e pequenos alcatifando-lhe de flôres o caminho, poder-se-ia dizer que o Visconde do Rio-Branco assumiu proporções de um verdadeiro idolo, porque, acima daquelle delirio no enthusiasmo dos livres, a gratidão nacional santificava-se no regozijo das mães escravas. Estas, erguendo nos braços os filhinhos e apontando-lhes no recem-chegado o intermediario da Providencia, diziam-lhes:

Ahi vae o nosso protector!

(*) Essa memoravel casa, situada, na freguezia da Sé, á direita de quem desce pela antiga ladeira da Praça, mereceu condigno distinctivo na seguinte inscripção, feita em marmore apposto á frontaria do predio.
« Nesta casa nasceu o Visconde do Rio-Branco.»

Ainda não houve mais justa homenagem, porque a capital do Imperio não se cobria de galas para felicicitar a soberbo conquistador, que trouxesse jungidos ao seu carro triumphal os despojos sangrentos de uma nação aniquilada, mas para festejar uma das mais vivas esperanças nacionaes, personificada naquelle filho do trabalho, naquelle heróe da paz, auspiciosamente restituido ao seio da patria.

A proposito dessa recepção esplendida, o Conselheiro Olegario de Aquino e Castro, digno panegyrista de homens de estado, poetas e guerreiros insignes, reconhecendo todo o direito a tantas honras extraordinarias *no laureado brazileiro que teve a invejavel fortuna de esculpir seu nome nos mais altos monumentos da historia nacional*, recorda o seguinte facto em seu magnifico elogio, proferido no Instituto Historico :

Esvava Rio-Branco em Pariz, quando appareceu em Londres o celeberrimo relatorio do consul inglez no Rio de Janeiro, o qual, pintando as cousas com côres carregadas, apresentava a situação do Imperio, se não como desesperada, á borda do abysmo. Immediatamente Rio-Branco lança mão da penna, e de uma unica assentada de sete horas successivas, escreve de um jacto essa valente refutação que corre impressa e que, traduzida em inglez, conseguiu desfazer a má impressão produzida em Londres pela excessiva linguagem do consul inglez.

Isto, sim, póde chamar-se patriotismo, graças a

quem sabe unir o util e o honesto ao agradavel, em vez de proceder como a estulta diplomacia, que até se esconde da patria na pronuncia. O melhor é não estabelecer confrontos, porque Rio-Branco, ausente do Brazil, valia, no seu nome e no seu brio, por um corpo diplomatico inteiro.

Dentro de breve tempo as alegrias de tão venturosa chegada se convertêram em tristissimas apprehensões.

Reappareceu a implacavel molestia, mais obstinada que o punhal de Ravaillac e o revolver de Booth, insidiosamente occulta ou tendo suspendido a sua elaboração destruidora para illudir o proprio enfermo, distrahido em tantas occupações beneficas, e mais tarde zombar de todas as esperanças de amigos e admiradores. Como se lhe aggravasse o incommodo, n'um ponto ulcerado naquelle mesmo logar a que se applicára o cauterio, o magnanimo estadista, obediente aos dictames da sciencia e seduzido pela idéa de prolongar os seus dias para os interesses da patria, sujeitou-se á extirpação, resolvida e effectuada a 20 de Janeiro de 1880, prestando-se a todas as exigencias da cirurgia com inexcedivel coragem e sublime resignação.

Dous mezes e meio depois da operação, durante os quaes o grande homem apparentou saude vigorosa, sobreveio-lhe o engorgitamento da glandula submaxillar esquerda, de par com outros phenomenos locaes que inspiráram o mais sério receio. Applicados

todos os recursos medicos, prescriptos em successivas conferencias de praticos distinctos, firmou-se unanimemente o prognostico fatal, provando-se mais uma vez a inefficacia dos meios cirurgicos para as affecções cancerosas diffusas.

O Visconde do Rio-Branco, apezar de gravemente enfermo e desilludido, comparecia no senado, animando a tribuna com os fulgores do seu vigorosissimo intellecto; e quando, no auge do mal, já não lhe era possivel apparecer em publico, fazia prodigios de solicitude e devotamento civicos, escrevendo pareceres do conselho de estado ou dictando-os, até se lhe quebrarem de todo as forças no leito de acerbas dôres, 48 horas antes de exhalar o ultimo suspiro! (*)

Com a certeza da incuravel doença, que lhe veio arrancar o involucro terreno, aquella alma sublime, sem

---

(*) Todos quantos se approximavam do Visconde do Rio-Branco, disse o *Jornal do Commercio*, nessa dolorosa phase, tiveram occasião de admirar-lhe o espirito verdadeiramente superior, nunca trahido por uma fraqueza. O seu grande coração mostrava alegrias que espantavam. Os seus momentos de melancolico recolhimeuto eram na apparencia suaves. A dôr não teve poder sobre a sua forte organização para perturbar-lhe a limpidez da alma, ou para quebrantar-lhe o valor moral.

Ainda no dia 28 de Setembro ultimo, 9° anniversario do grande acto legislativo que estancou a fonte da escravidão no Brazil e ao qual o seu nome ficará ligado immorredouramente como um monumento de sabedoria politica, deu o Visconde do Rio-Branco as mais vivas mostras de ineffavel contentamento de que a gloriosa data lhe inundava o coração.

«Tem sido aqui um dia de festa :» disse elle a varias pessoas que então recebeu, profundamente sensibilisado pelas demonstrações que de toda a parte lhe chegavam. No entanto o seu estado era já irremediavel. Os progressos da enfermidade não enganavam já ninguem. Elle soffria muito, mas fazia soffrer o menos possivel áquelles que o rodeavam.

Tinha elle consciencia, mais ou menos nitida, desse estado? E' impossivel determinar o gráo da sua intuspecção, mas elle havia lido muito sobre a natureza da enfermidade, e os symptomas desta eram muito aterradores para que tão elevado espirito se illudisse completamente por tanto tempo.

declinio da posse lucidissima de suas raras faculdades, assistia á dolorosa ruina do corpo, occupando-se dos negocios do Brazil, embebendo-se na familia e despedindo-se desta vida com as effusões de purissima crença religiosa e entranhado patriotismo. Pouco antes da separação inevitavel e natural, mas sempre assombrosa e indizivel para as creaturas, o moribundo, nos lampejos da razão que se desprendia da materia, illuminou pátheticamente os seus ouvintes, supportando os mais duros transes com a sobranceria de um verdadeiro discipulo de Socrates.

Emfim, ás 7 horas e 5 minutos da noite de 1 de Novembro, o poder mirifico daquelle composto humano, reduzindo-se a cadaver para a terra e dilatando-se em pensamento para o Altissimo, definiu-se condignamente nestas palavras:

Estejam certos de que poderei confirmar perante Deus o que hei affirmado perante os homens.

Expirou!... Da aguia alterosa da esperança que, batendo as pandas azas, sacudira todas as pennas terrestres, para alcançar de um surto o pouso eterno, só ficára, como despojo material no transitorio ninho, um corpo inerte e algido, reclamado pela avidez da necropole. Mas a Providencia, tão visivel nos movimentos do animalculo, como no equilibrio dos orbes, permittiu que mais uma creatura bemaventurada deixasse, para

consolo dos mortaes o incentivo de seculos, o rastro fulgentissimo de sua passagem neste mundo.

Ante a claridade indelevel, que o grande homem espalhou nos espaços occupados pelo trabalho do seu espirito, a propria morte confundiu-se em maravilhoso deslumbramento. E assim desaffrontou-se a natureza humana, porque se o genio do mal tentára acintosamente paralysar, com a doença medonha, a lingua desse gigante da tribuna, já não era possivel apagar em tantos admiradores de Rio-Branco impressões da eloquencia que, inspirada por Deus e pela patria, déra o mais vivo realce ás conquistas da liberdade.

Acclamada pelas homenagens mais espontaneas do povo, até os umbraes de além-campa, a grandeza do patriota não decresceu nos posthumos tributos da patria.

Pelo contrario, se a lei de 28 de Setembro já não o tivesse immortalisado, poder-se-hia dizer que o tumulo foi-lhe ultimo degráo para a immortalidade.

Confundidas todas as classes sociaes n'um só pensamento de profundissima reverencia em torno do cadaver do heróe, os representantes mais autorizados da opinião cortejavam-lhe o transito, synthetisando eloquentemente os magnos serviços que elle prestou á nação e a humanidade. (*)

(*) Eis como o *Jornal do Commercio* descreve o sahimento:

Grandes, como os seus meritos, foram as honras funebres tributadas hontem ao Visconde do Rio-Branco, maiores ainda do que pela pompa e numero e qualidade dos assistentes, pela dôr sincera que em todos os semblantes se divisava.

Finara-se o Visconde na casa n. 75 da rua do Conde do Bomfim. Vestido com o farda de senador e conselheiro de estado, e ornado de todas as

Entoando, por diversos orgãos a unisona apologia, a imprensa manifestava-se assim:

A sua vida foi uma serie ininterrupta de superiores esforços. Fez o bem que pôde, mas nenhum mal.

O seu tumulo poderia ser regado pelas lagrimas de 300,000 Brazileiros que em grande parte lhe devem não ter nascido escravos.

O seu nome não se poderá apagar da memoria nacional. Elle consummou um trabalho herculeo: estendeu a patria até a senzala e fez com que o ventre da escrava désse á luz cidadãos.

---

condecorações, o seu corpo jazia sobre uma eça na capella da casa. Pouco a pouco o ataúde foi ficando coberto de corôas, com que de toda a parte acudiam a gratidão e a saudade.

Ás 4 1/2 horas achavam-se presentes todo o ministerio, excepção feita do Sr. ministro da guerra que está em Petropolis, o presidente do senado e muitos membros dessa camara e da dos deputados, conselheiros de estado, funccionarios de todas as gerarchias, cidadãos notaveis de varias classes, numerosas commissões, e representantes da imprensa, extraordinario concurso, emfim, que ia render o ultimo preito ao eminente cidadão.

Muitas corporações se fizeram representar por commissões expressamente nomeadas. Entre ellas o senado por uma, composta dos Srs. Visconde de Abaeté, Barão de Souza Queiroz, Barão de Pirapama, Visconde de Muritiba, Silveira da Motta e Barão de Cotegipe, a camara dos deputados por uma, composta dos Srs. Martinho Campos, Martim Francisco, Liberato Barroso, Andrade Pinto, e Prisco Paraiso; o Instituto Historico e Geographico por uma, composta dos Srs. Visconde do Bom-Retiro, conselheiros Fontes e Olegario e Drs. Escragnolle Taunay e Rosendo Moniz; o Instituto Polytechnico por uma, composta dos Srs. Drs. Paula Freitas, André Rebouças e José Carlos de Carvalho; a Sociedade Brazileira Contra a Escravidão, por uma, composta dos Srs. Drs. Joaquim Nabuco, Adolpho de Barros e Sizenando Nabuco e C. de Carvalho; a Associação Beneficente dos Compositores do *Jornal do Commercio* por uma, composta dos Srs. Gonçalves Sobrinho, Marcellino dos Santos e Antonio da Silva Monte; os empregados do thesouro nacional por uma, composta dos Srs. conselheiro José Severiano da Rocha, commendador Augusto Collin e Emilio Miranda; o Club Gymnastico Portuguez por uma, composta dos seus presidente, vice-presidente e 1° secretario. O Grande Oriente do Lavradio e o do Valle dos Benedictinos, fizeram-se representar pelas suas mais altas dignidades, e cada loja dos dous circulos por uma commissão de onze membros.

Acharam-se tambem representados o corpo docente e o academico da Escola Polytechnica, a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, a Imperial Associação Typographica Fluminense, a Liga Operaria, a União Academica, a Associação Central Emancipadora, oCongresso Gymnastico Portuguez,

No recinto do parlamento a mais franca e lucida senilidade, sobrepondo-se á crença partidaria, para associar-se com a representação nacional ao nobilissimo sentimento do povo, rememorava

aquelle coração nobre, no qual nunca fermentou particula de odio, e a nunca desmentida benevolencia em que elle envolvia amigos, indifferentes e envolveria, se os tivesse, inimigos pessoaes.

A estas categoricas palavras do senador Christiano Ottoni, mestre de Rio-Branco, a voz da juventude entusiastica e esperançosa, tendo por orgão o Sr. Joaquim

---

a Sociedade Portugueza de Beneficencia, a Associação Commercial, a *Revista Brazileira* e o Gabinete Portuguez de Leitura.

O cadaver foi conduzido para o coche pelos Srs. camarista Augusto Meyer e veador Freitas Travassos, aquelle representante de S. M. o Imperador e este de S. M. a Imperatriz, e pelos Srs. Barão Homem de Mello, ministro do Imperio, Visconde de Jaguary, presidente do senado, Martinho Campos, membro da commissão da camara dos deputados, e conselheiro Cardoso, adjunto do grão-mestre do Oriente do Lavradio.

O coche, enviado por ordem especial de S. M. o Imperador, foi o que tem servido para o sahimento dos Principes, do Marquez de Herval e do Duque de Caxias.

Após o coche imperial onde ia o feretro, coberto pela bandeira da Escola Polytechnica, envolta em crepe levando superpostas numerosas corôas, seguiu o carro da mordomia da casa imperial, conduzindo o Rev. capellão da Imperial Quinta, e outro conduzindo o Rev. vigario do Engenho-Velho. No coche de respeito ia o Sr. Barão do Rio-Bonito, guardando, a pedido da familia, a corôa de Visconde, coberta de crepe. Seguia-se um carro conduzindo o Sr. José Maria da Silva Paranhos, e seu irmão Alfredo Paranhos, filhos do illustre finado. Ia depois o coche da empreza funeraria, após o qual seguiam os carros dos Srs. ministros, e indistinctamente os que formavam o numeroso prestito.

Um esquardrão de cavallaria escoltava o feretro e, ao chegar este a porta do cemiterio de S. Francisco Xavier, uma força de artilharia prestou as honras devidas ao finado.

No cemiterio foi o corpo levado para o quadro n. 1, carneira 2,133, pelos Srs. conselheiro João Alfredo, Visconde de Tocantins, Dr. Gusmão Lobo, major Escragnolle Taunay, Dr. André Rebouças e o Sr. A. Feliciano de Castilho, alumno da Escola Polytechnica.

Durante o trajecto, desde o carro até á sepultura, o povo, que se achava apinhoado no cemiterio, mostrou vivo desejo de carregar o cadaver, e as pessoas que o levavam, só a muito custo, puderam chegar ao logar da sepultura, sendo auxiliadas por varias outras.

Nabuco, accrescentava, na camara temporaria, os seguintes encomios:

Ha dez annos, ninguem nasce escravo, e quando mesmo não fôssemos além da lei de 28 de Setembro, se esquecessemos o dever da nossa geração, ainda assim ella bastaria para deixar desassombrado o futuro, para assegurar que um dia a escravidão não existirá mais em nosso paiz. Foi esta a sua gloria e eu venho affirma-lo do alto da tribuna, porque esta gloria é patrimonio da nossa idéa, é a riqueza da nossa causa, é a grande herança que elle aponta á ambição dos nosos homens de estado, mas que, como Alexandre, elle só deixou ao mais digno.

Emquanto era assim correspondido pela gratidão nacional o merito de Rio-Branco, a noticia do seu passamento repercutia em todo o mundo culto, e a imprensa européa, dignamente representada no *Times*, estampava em suas columnas uma prova de sympathico apreço á memoria do estadista brazileiro. (*)

(*) E' este o artigo do *Times* de 5 de Novembro de 1880:

« O cabo brazileiro annunciou hontem o fallecimento, no dia anterior, do Visconde do Rio-Branco, na cidade do Rio de Janeiro, depois de longos soffrimentos causados por uma enfermidade cruel e dolorosa, e em uma época da vida que, a não ser isso, promettia a continuação da sua grande carreira de trabalhos legislativos e administrativos.

« Os relevantes serviços, que prestou ao Brazil, comprehendem quasi todos os ramos do governo e da diplomacia, na qual desempenhou papel notavel no Rio da Prata, na occasião em que se debatiam os interesses do Imperio e os das Republicas.

« Dedicando-se ainda moço á vida publica, o Sr. Paranhos, sem outro auxilio além do seu talento e influencia que este podia ter sobre o seu adiantamento, subiu gradualmente de um ministerio a outro o periodo assás longo da administração conservadora no Brazil, foi eleito senador e tornou-se membro proeminente do conselho de Estado, até que, como representante mais eminente do seu partido, foi nomeado presidente do conselho de ministros. Nessa posição satisfez os desejos mais ardentes do Imperador e do paiz, fazendo passar uma lei para a abolição gradual da escravidão no Brazil, devendo essa instituição extinguir-se brevemente.

E. H.

Não ha exemplo de tão duradoura e extensa repercussão em consequencia do fallecimento de um brazileiro.

Durante mezes o *Jornal do Commercio*, esmerando-se como tributario do renome daquelle que fizera parte de sua redacção, reproduziu homenagens individuaes ou collectivas, consagradas ao memorabilissimo varão dentro e fóra do paiz.

Complemento magnifico de tão copiosos signaes de apreço e gratidão, surgiu a idéa de elevar-se uma estatua em honra do proeminente estadista.

Contribuiu indirectamente para tanto o louvavel desejo de numerosos habitantes da cidade da Cachoeira, provincia da Bahia.

« O Visconde do Rio-Branco era conservador moderado, e revelou liberalismo inspirado por uma alta intelligencia; sua vida official foi dedicada á realização de melhoramentos de toda a qualidade. Muito lhe devem as vias ferreas, que estão rapidamente dando ao Imperio resultados, que bem valem a despeza com ellas feita. Procurou promover a immigração, e fóra do poder dedicava-se inteiramente aos trabalhos do conselho de Estado.

« Só visitou a Europa depois que deixou de ser primeiro ministro, estudando aqui com intelligencia e actividade tudo quanto julgava ser util ao Brazil. Regressando á patria, foi recebido no Rio de Janeiro por demonstrações geraes de apreço, e voltou logo ao cumprimento dos seus deveres parlamentares. Mas, no gozo do que parecia muita vitalidade e bôa saude, foi prostrado pela enfermidade que pôz fim a uma carreira cheia de honra para si e de vantagens para o Imperio. »

O *Jornal do Commercio* de Lisbôa, ao ser ali recebida por telegramma a tristissima noticia do fallecimento do Visconde do Rio-Branco, consagrou-lhe um artigo, em que sobresahem os seguintes trechos :

« Por esta unica lei (a de 28 de Setembro de 1871), o nunca esquecido estadista brazileiro ficará a par de Lincoln, de Canning e de Sá da Bandeira, e o seu nome atravessará as idades, cercado de uma aureola fulgente e vivissima.

« A humanidade inteira tem razões sobejas para prantear a perda deste seu grande bemfeitor, que teve como compensação das mesquinhas rivalidades da politica, e das aggressões violentas e as mais das vezes injustas dos partidos, esse instante de suprema alegria, esse raro e sagrado minuto em que elle viu as camaras brazileiras approvarem a humanitaria lei de 28 de Setembro, que dava fóros de homem a milhões de escravos. Se o Brazil deve muito a José Bonifacio, a humanidade deve muito mais ao Visconde do Rio-Branco.

« Gloria ao seu nome ! »

Graças á iniciativa do engenheiro Antonio Henrique Kessner, foi levantada entre os subscriptores a quantia de 1:567$ afim de adquirirem a mesa de trabalho, sobre a qual o presidente do ministerio de 7 de Março organizou o projecto da lei n. 2,040 de 28 de Setembro de 1871. Cedido por aquella quantia o precioso movel, que já era propriedade do Commendador Pimenta Bueno, teve este a feliz inspiração de iniciar, com o dinheiro enviado pelos cachoeiranos, o patrimonio Rio-Branco. Dentro de pouco tempo, a subscripção popular, aberta no escriptorio do *Jornal do Commercio*, attingiu a somma de 40:000$, convertidos depois em apolices da divida publica e constituindo hoje fundo de pensão para a viuva do grande homem, emquanto não se lhe erige o condigno monumento, cuja importancia pecuniaria indubitavelmente completar-se-ha com os obolos, minimos pelo valor material e maximos pela alteza da intenção, de quantos reconheçam o beneficio da propria liberdade no inolvidavel propugnador da lei que impediu o captiveiro da prole de escravas.

Ha tres annos que essa vida preciosissima, alterando-se de repente em pleno gozo de fecunda energia, foi arrebatada para sempre ás maiores aspirações da patria, ao culto da familia e á causa da civilisação. Ainda parece um sonho, mas é forçoso admittir a realidade.

De accôrdo com os seus estatutos e na medida de

suas forças, a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional vem completar o mais grato dever para com esse benemerito consocio.

Com 60 annos de existencia, desvanecendo-se de ser a mais antiga da America do Sul entre suas irmãs actuaes de trabalho scientifico, litterario, artistico, industrial e philantropico, animando sempre em seu seio a iniciativa de idéas uteis ao Brazil, pondo o maior empenho na manutenção de duas escolas nocturnas para adultos, e havendo servido com as luzes de sua longa experiencia á mais escrupulosa intervenção do governo em descobrimentos da industria, a Sociedade Auxiliadora, que teve a honra de possuir na presidencia de suas sessões o Marquez de Abrantes, ainda teve a gloria de ser presidida, por espaço de 15 annos, pelo Visconde do Rio-Branco.

Pague-se mais este sincero tributo á gloria no talento nobilitado pelo trabalho em José Maria da Silva Paranhos.

Ante o seu busto, destinado a resplender entre os de outros finados consocios, o mais despretencioso espirito de associação diz para a grandeza daquelle homem de estado:

— O teu fim correspondeu ao teu principio na constancia do esforço, na sanidade da consciencia, na sêde de saber, no esquecimento dos maiores revezes, emfim no apego á divisa *Deus et labor*, que póde servir de phanal para as novas gerações.

Por mais que subisses, compensando com o teu

merecimento as iniquidades da fortuna, a tua bondade caracteristica foi sempre superior á tua posição nas eminencias do poder. Affavel, insinuante, moderado e cortez, o teu espirito, atravessando a terra, foi eminentemente pratico e conciliador.

Ao pessimismo ou desespero dos que só esperam de um cataclisma social o melhoramento do Brazil, respondias com o testemunho historico e a firmeza da tua esperança, estudando sempre os recursos do paiz que em seu sólo possue mananciaes de opulencia inexhaurivel e na indole do seu povo thesouros de energia e abnegação exemplares.

Erguido pelo trabalho ao mais alto posto a que já foi dado chegar um brazileiro, sem que a mais pungente dôr te empanasse o brilho d'alma ou o fausto da riqueza te seduzisse a inabalavel honradez, foste sorprendido pela morte neste valle de lagrimas, legando a teus descendentes, por unica riqueza, um nome que é patrimonio nacional, confirmando-se assim o juizo dos adversarios mais vehementes, para os quaes nunca entrou em questão, ainda a mais rude e aggressiva, tua exemplarissima probidade.

Sanada pelos influxos do tumulo a cegueira partidaria, é honrosissimo para os contemporaneos o facto de reconhecerem, n'um homem da tua estatura moral, o professor que, enchendo de nobreza a cathedra com a sua presença e illuminando os dicipulos com as suas doutrinas, foi sempre uma revelação scientifica; o jornalista que usou da bisarma de Guttemberg para ensinamento

das turbas, com a delicadeza de uma dama e com o zelo de vero democrata; o administrador que geriu os negocios da marinha, como provecto almirante, e a pasta da fazenda, como atilado financeiro, em patriotica identificação com as necessidades do commercio e da industria; o diplomata que, deixando fulgidos vestigios de criterio e previsão nos archivos da politica internacional, fez-se, por muito estudo das cousas patrias, immensa garantia de paz no mundo americano; finalmente o parlamentar que, ao serviço do rei e do povo em debito com a liberdade, sustentando na magnitude da idéa o folego oratorio, a maturidade da reflexão, a consistencia do saber e a polidez da fórma, do alto da tribuna dictou, para a historia escrever, a pagina mais gloriosa da vida brazileira no segundo reinado.

Sem menospreço a tantos outros que se elevàram por si mesmos, ou crescêram dignamente entre brazões herdados; sem que desmereça o caracter ou o intellecto de vultos politicos do quilate de Feijó, Alves Branco, Bernardo de Vasconcellos, Paula Souza, Limpo de Abreu, Araujo Lima, Honorio Hermeto, Paulino Soares, Rodrigues Torres, Euzebio de Queiroz, Pimenta Bueno, Nabuco, Souza Franco e Zacharias, constitues, é justo dize-lo, o mais bello producto do meio em que viveste, em abono da patria a que tanto serviste.

Só dous grandes revolucionarios podem hombrear comtigo nos fastos da historia patria: 28 de Janeiro de 1808, 7 de Setembro de 1822 e 28 de Setembro de 1871,

são as datas mais gloriosas que representam a influencia patriotica da mentalidade brazileira neste brilhantissimo triumvirato: José da Silva Lisbôa, José Bonifacio de Andrada e Silva, José Maria da Silva Paranhos.

Separados pelo tempo, estes tres instrumentos da Providencia approximam-se pelo amor á sciencia, confundem-se na fama pelo nome baptismal, podendo-se dizer que o facto da emancipação politica do Brazil occupa logar condigno entre a idéa que abriu os portos do paiz á liberdade e a lei que fechou o futuro á escravidão.(*)

(*) José da Silva Lisbôa, Visconde de Cayrú, o unico homem cuja instrucção impoz silencio a Mont'Alverne, o jurisconsulto, cuja obra de direito mercantil ainda não desmereceu no progresso da sciencia moderna, era, como bem o disse Miguel Calmon, depois Marquez de Abrantes, « o Nestor da nossa gente erudita, o brazileiro Smith, a quem devemos as primeiras idéas economico-politicas, o legislador do commercio e impavido orador, que, na tribuna parlamentar, soube alliar (o que é bem raro!) o saber de Cicero á constancia de Socrates, e o talento de Seneca á virtude de Catão. »

Eximio naturalitsa, a quem se deve o descobrimento de quatro especies de mineraes bem determinadas, alem da classificação de numerosas variedades, e cujo nome ficou associado aos progressos mineralogicos em livros estrangeiros da maior valia, como por exemplo os de Haüy, Naumann, Quenstedt e Dufrenoy, equiparando-se assim ao dos mais notaveis mineralogistas francezes, britanicos, scandinavos e allemães, José Bonifacio era, no dizer competentissimo de Latino Coelho, ao mesmo passo um pensador profundamente iniciado na sciencia do seu tempo, um poeta por vezes varonil, sempre correcto, e um espirito versado largamente nas antigas e modernas litteraturas.

Atarefado continuamente no decurso de 30 annos, dentro ou fóra do poder, com as lutas da imprensa e do parlamento, com as missões diplomaticas e com os negocios administrativos, José Maria da Silva Paranhos, se não póde competir com esses dous grandes vultos nacionaes em livros que tanto os recommendam aos cultores da sciencia e das letras, excede-os na fecundidade oratoria, cujos productos acerca de multiplices assumptos dariam para encher grossos volumes. É pena que a politica, esse minotauro que devora toda a actividade intellectual dos nossos maiores homens, não deixasse Rio Branco escrever uma obra de folego, para a qual sobrava-lhe aptidão enriquecida na mais lucida experiencia

Nem todos, porem, conseguirão passar á posteridade com os vestigios de flammejante eloqueneia. *Verba volant, scripta manent.* Sirva isto de escarmento a politicos brasileiros que, em vez de imitarem o exemplo de Thiers, Guizot, Lamartine, Almeida Garrett, Disraeli e José de Alencar, dispendem a melhor parte da vida em polemicas de interesse ephemero ou em palestras estereis, e assim hão de sumir-se completamente no sepulcro.

Projectando-te das alturas da historia no pensamento de um povo, enche com o brilho dos teus feitos a gratidão nacional, emquanto não se erige no bronze para os evos a tua estatua, adquirida com os mais espontaneos donativos, com os suavissimos juros de uma divida, que a humanidade contrahiu perante Deus, ao desempenhar-se a tua excelsa tarefa.

Resistindo aos ataques do tempo e da morte, o melhor sustentaculo da tua apotheose crescerá com o desenvolvimento physico e moral de uma geração que te deve a liberdade.

Assim rememorado na Amercia, onde o civismo fulgura na espada de Washington e na penna de Franklin, tu figurarás condignamente junto delles, porque, em nome do Brazil, desentranhaste nos esplendores da palavra os maiores thesouros do coração para completar a grandeza ideal do homem politico.

Quando o postero, absorto na concatenação philosophica dos seculos, admire maravilhosas resistencias do espirito a hediondos poderes; quando a futuros pensadores communicar-se o fogo divino em lances da eloquencia genial de Demosthenes contra Felippe, de Cicero contra Catilina, de Bossuet contra a impiedade, de Mirabeau contra o feudalismo, de Robert Peel contra o monopolio, de Victor Hugo contra a pena de morte, de José Estevão contra desacatos á patria, de Gambetta contra adversarios da França, e de Castellar contra inimigos da luz, então avultarás tambem nas magnificencias

da idéa e da linguagem, com que soubeste impedir a prolificação do peior dos abusos, oppondo-te em honra do teu paiz e do teu seculo aos mais teimosos usurpadores da personalidade humana.—

Senhor! Se é possivel a obscuro mortal sentir e intrepretar o pensamento de um redivivo, dignae-vos de acolher as palavras que ora inspira, por intermedio do seu busto, o patriotismo do Visconde do Rio-Branco.

Elle vos diz:—Ha beneficios que é perigoso demorar ou transmittir á competencia de outrem.

Se preferieis abdicar a consentir na continuação do trafico, se hoje ambicionaes a gloria na ventura do povo que vos amparou a infancia no throno, se tanta popularidade já repartistes com a herdeira presumptiva da corôa, o vosso espirito equitativo não permitta que o amor de patria seja preterido em seus deveres pelos desejos do amor de pae. Confirmae o mais breve possivel este grandioso pensamento de Salles Torres Homem:

O segredo da riqueza não está sómente na variedade dos climas, na uberdade do solo, nas vantagens naturaes; está principalmente no interior do homem, na sua energia e aptidão e nas leis que o protegem e desenvolvem. A ordem moral crea a ordem material á sua imagem. O Brazil, retardado visivelmente pela escravidão, no caminho da prosperidade, não tomará o seu vôo para o futuro de grandeza e de opulencia a que está predestinado, senão quando no seu solo livre nenhuma planta crescer orvalhada com o suor e com o sangue do escravo.

Não vos deixeis vencer pelo desconhecido. Pelo contrario, fazendo convergir todo o vosso patriotismo contra os interesses deshumanos da escravidão, é forçoso matar essa monstruosidade, para que o Brazil não se despedace em profundo aviltamento, para que a monarchia vos sobreviva na America e assim maiores bens possa herdar vossa augusta filha, pelo facto de succeder-vos no governo de um povo inteiramente livre e prospero.

Bemquisto, qual sois, pelo duplo valor de principe e amante da sciencia, inspire-se em Deus e a favor da humanidade tanto merecimento, para que deste principio—Ninguem mais nasce escravo—resulte a sublime consequencia—Ninguem morre na escravidão.

Coberto de palmas no jubileu da civilisação, enthronisado no coração da patria e plenamente expandido na liberdade de todos os compatricios e subditos, coroae o vosso reinado completando o acto humanitario de 28 de Setembro de 1871.—

Cumpriu-se o grato dever da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.

Não termine, porém, esta sessão commemorativa sem o mais fervoroso appello a todos vós, honrados concidadãos. Sectarios da liberdade na ordem, cerremos fileiras contra a ameaça de principios subversivos e o

orgulho de ineptos que tentam encher o vazio deixado pelos grandes homens.

Só assim não decahirá a reputação do Brazil, que tanto se recommenda aos povos amigos da paz e do trabalho—na fama universal e na immortalidade do Visconde do Rio-Branco.



